

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

ADRIANA ROCHA FURTUNATO DO ESPÍRITO SANTO

**AS DIFICULDADES PARA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO –
ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS DE ALUNOS DA EJA EM UMA
ESCOLA DE PERIFERIA**

**SÃO MATEUS-ES
2019**

ADRIANA ROCHA FURTUNATO DO ESPÍRITO SANTO

AS DIFICULDADES PARA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO –
ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS DE ALUNOS DA EJA EM UMA
ESCOLA DE PERIFERIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* da Faculdade Vale do Cricaré, para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação.

Orientador: Profa. Dra. Désirée Gonçalves Raggi

SÃO MATEUS-ES
2019

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação
Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

E77c

Espírito Santo, Adriana Rocha Furtunato do.

As dificuldades para inserção no mercado de trabalho – análise das trajetórias de alunos da EJA em uma escola de periferia / Adriana Rocha Furtunato do Espírito Santo – São Mateus - ES, 2019.

78 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2019.

Orientação: prof^a. Dr^a. Désirée Gonçalves Raggi.

1. Educação de Jovens e Adultos - EJA. 2. Mercado de trabalho. 3. Emprego. I. Raggi, Désirée Gonçalves. II. Título.

CDD: 374

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

ADRIANA ROCHA FURTUNATO DO ESPÍRITO SANTO

**AS DIFICULDADES PARA INSERÇÃO NO MERCADO DE
TRABALHO – ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS DE ALUNOS DA
EJA EM UMA ESCOLA DE PERIFERIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovada em 29 de novembro de 2019.

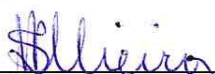
COMISSÃO EXAMINADORA



Profa. Dra. Désirée Gonçalves Raggi
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientadora



Profa. Dra. Lilian Pittol Firme de Oliveira
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Profa. Dra. Maria de Fátima Santana Vieira
Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)

Dedico esta dissertação a todos os jovens que finalizam seus estudos com a esperança de serem inseridos, rapidamente, no mercado de trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me proporcionado a sabedoria.

Aos companheiros, pelo tempo que dividimos as ansiedades.

Aos professores, pelos conhecimentos compartilhados.

À professora Dra. Désirée Gonçalves Raggi, meu respeito e gratidão pela paciência em me orientar.

Ao meu esposo, Lennon, e meus filhos, Dayvison, Benjamim e Bernardo, vocês foram fundamentais para que chegasse até o fim. Por muitos momentos, pensei em desistir, mas por vocês finalizei.

Onde quer que haja mulheres e homens,
há sempre o que ensinar, há sempre o que
aprender.

Freire (2011)

RESUMO

ESPÍRITO SANTO, Adriana Rocha Furtunato do. **As dificuldades para inserção no mercado de trabalho – Análise das trajetórias de alunos da EJA em uma escola da periferia.** 2019. 73f. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação). Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus, ES, 2019.

Esta dissertação se propõe a compreender quais as dificuldades encontradas pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em se colocarem no mercado de trabalho, revelando porque, após tantas oportunidades, resolveram estudar novamente e quais as dificuldades que estão encontrando, depois de longo tempo fora da escola. A pesquisa descreve as trajetórias percorridas pelos alunos da EJA para encontrar uma vaga no mercado de trabalho buscando investigar as dificuldades enfrentadas por estes. O público da Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui-se, majoritariamente, por indivíduos que tiveram passagens fracassadas pela escola, sendo excluídos do sistema regular. A arguição dispõe de 30 jovens e adultos entrevistados, do 2º e 3º anos da EJA, que pertencem a regiões periféricas de extrema pobreza e desigualdade social. A metodologia é classificada como estudo de caso descritivo, sendo 15 (quinze) do 2º ano e 15 (quinze) do 3º ano do Ensino Médio da EJA. Dessa amostra, foram escolhidos 10 (dez) sujeitos e analisadas as respectivas trajetórias, tanto no contexto de vida, quanto os percalços na busca do emprego. Dentre os motivos que os levaram a cursar EJA, constatou-se o desejo de concluir uma formação superior, na busca de qualificação profissional. Concluiu-se que os fatores mais limitadores são a falta de escolarização, avanço da idade e as poucas oportunidades na oferta de emprego devido à ausência de qualificação.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Mercado de Trabalho. Emprego.

ABSTRACT

Espírito Santo, Adriana Rocha Furtunato do. **Difficulties in entering the job market - Analysis of the trajectories of EJA students in a peripheral school.** 2019. 73f. Dissertation (Master in Science, Technology and Education). Faculdade Vale do Cricaré. São Mateus, ES, 2019.

This dissertation proposes to understand what are the difficulties found by students of Youth and Adult Education (EJA) in putting themselves in the job market, revealing why after so many opportunities they decided to study again and what difficulties they are encountering, after a long time away from school. The research describes the trajectories traveled by EJA students to find a place in the job market, seeking to investigate the difficulties faced by them. The public of Youth and Adult Education (EJA) is made up mostly of individuals who had failed passages at school, being excluded from the regular system. The complaint has 30 young people and adults interviewed, from the 2nd and 3rd years of EJA, who belong to peripheral regions of extreme poverty and social inequality. The methodology is classified as a descriptive case study, with 15 (fifteen) from the 2nd year and 15 (fifteen) from the 3rd year of EJA High School. From this sample, 10 (ten) subjects were chosen and their respective trajectories were analyzed both in the context of life and the obstacles in the search for employment. Among the reasons that led them to study EJA, there was a desire to complete a higher education, in search of professional qualification. It was concluded that the most limiting factors are the lack of schooling, advancing age and the few opportunities in the job offer due to the lack of qualifications.

Keywords: Youth and Adult Education. Job market. Job.

LISTA DE SIGLAS

CONFINTEA - Conferência Internacional sobre Educação de Jovens e Adultos

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENEJA – Encontro Nacional da Educação de Jovens e Adultos

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

ONU – Organização das Nações Unidas

PNJ - Política Nacional de Juventude

SEA - Serviço de Educação de Adultos

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

USAID - United States Agency for International Development (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO BRASIL	17
2.1	A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS APÓS A NOVA LDBEN.....	22
2.1.1	Aprendizagem dos jovens e adultos da EJA	24
2.2	A JUVENTUDE ATUAL	33
2.3	OS (DES) CAMINHOS DO PRIMEIRO EMPREGO	36
3	METODOLOGIA	40
3.1	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	40
3.2	LOCAL DA PESQUISA	43
3.3	SUJEITO DA PESQUISA	44
4	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	46
5	PRODUTO EDUCACIONAL	58
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
	REFERÊNCIAS	61
	APÊNDICE	64
	ANEXO.....	78

1 INTRODUÇÃO

A incumbência de escrever sobre minha trajetória exigiu uma ação complexa de rememorar e relembrar movimentos discursivos e a refletir sobre a minha pessoa e sobre minha subjetividade, em um espaço potencialmente interpretativo. Redigido em plena maturidade, o memorial busca identificar uma etapa concreta de minha vida - o percurso profissional – e, para tanto, assinalo, no transcurso da escrita, as situações que julguei as mais significativas.

Aos seis anos de idade, ingressei na EMEF Presidente Arthur Costa e Silva no bairro Aparecida – Cariacica - ES, escola pública, de ensino primário. Concluí o primeiro ano totalmente alfabetizada e encerrei este período sem nenhuma reprovação. Foram meus primeiros passos para o mundo misterioso do saber acadêmico. Destaco, aqui, a maravilhosa e inesquecível professora Nilda, do meu segundo ano, um modelo de educadora sábia, com seu afeto nos transmitiu o aprendizado. Ao terminar o primário, aprovada em exame de admissão rigoroso, ingressei no Colégio Estadual do Espírito Santo. Instituição educacional pública, na época, considerada a maior de Vitória, como também a mais moderna, em função dos recursos educacionais e administrativos de que era dotada. Possuía um complexo esportivo extraordinário e tínhamos acesso a todas as atividades. Participávamos ativamente do grêmio estudantil e realizávamos passeatas contestatórias memoráveis pelas ruas da cidade. Destaco que o colégio tinha uma biblioteca muito bem suprida e, dela, eu era uma frequentadora assídua, para realizar minhas pesquisas.

Ao final do ginásio, optei pelo curso Técnico (Enfermagem) no Centro Capixaba de Informática - CCI. Durante o curso, obtive muitas experiências profissionais concluí o curso em 2000. Fui chamada, após o término, para um contrato temporário pela Prefeitura Municipal de Vitória para atuar no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Foi uma experiência inovadora, onde tive contato com diversos tipos de transtornos mentais. Durante esse trabalho, desenvolvi o interesse em me graduar no curso de Serviço Social, então percebi minha vocação em poder entender a realidade vivenciada entre as pessoas e suas origens.

Em 2008, concluí o curso de Serviço Social na Faculdade Novo Milênio, em Vila Velha - ES, este foi apaixonante e me dediquei com muito estudo e dedicação.

Para enriquecer o conhecimento, na busca por entender a subjetividade humana em suas diferentes perspectivas, tive acesso a várias áreas da ciência, além de uma formação pluralista, envolvendo diversas teorias embasadas filosófica e epistemologicamente. Foram quatro anos de muito estudo, com a maioria dos professores competentes e exigentes, com provas difíceis, que não poupavam reprovações. Promoviam debates produtivos e memoráveis, cada qual defendendo sua posição, para o nosso desfrute acadêmico.

Entretanto, a necessidade financeira levou-me por outros caminhos e, em 2011, fui trabalhar como professora na rede Pública Estadual, assumindo aula de sociologia, atuando como professora não habilitada. A partir daí, resolvi me aperfeiçoar e fazer uma segunda graduação em Pedagogia e também me especializar em Psicopedagogia. Em 2012, iniciei a licenciatura em Ciências Sociais na Faculdade Sagrada Família (FASF), Ponta Grossa - PR, concluída em 2016. A graduação aguçou, ainda mais, meu interesse pela sala de aula; como se percebe, até então, minha opção profissional estava vinculada à sobrevivência, sobretudo ao sonho crescente na busca por uma sociedade mais justa, ou que pudesse ser menos injusta. Assim, a oportunidade de mudar de vida, o gosto por sonhar, o meu estado de busca me fizeram entender as situações/problemas que emergem deste movimento que é o processo de escolarização, ensino e aprendizagem de alunos da Educação de Jovens e Adultos. Eis, então, o mote principal da profissão docente, o qual tem me impulsionado a caminhos e a buscas tão prazerosas e enriquecedoras em minha trajetória de ser profissional da educação. Interessante o quanto este trabalho proporcionou uma viagem à minha trajetória de vida.

As escolhas conscientes do caminho que percorri e suas consequências, mas, das quais não me arrependo, pois, as mesmas me proporcionaram crescimento pessoal e profissional. As dificuldades encontradas me permitiram ser forte para enfrentar as diversas situações que a própria vida se encarrega de apresentar.

Aprendi a valorizar e amar cada vez mais aqueles que são próximos, a começar pela minha família. Sei que não atingi tudo que desejo, apesar de sentir-me feliz com tudo o que tenho. Percebi que a curiosidade me move, que após cada sonho alcançado, outros passam a nos motivar em busca de novas conquistas e ideais.

Percebendo a atração que tinha pelo magistério, e a necessidade de mais aprimoramento, ingressei na pós-graduação em Psicopedagogia na educação. Entretanto, posso dizer que as disciplinas contribuíram para a minha formação ao aprofundar, sobretudo, ampliando de forma significativa meu espírito crítico e entendimento da realidade. O curso me ajudou a argumentar, a compreender o diferente, a interpretar o que não era aceito. Isso me fez entender que precisamos conhecer diferentes frentes de trabalho, as distintas concepções e práticas presentes no campo educacional, a maneira de abordar determinados assuntos e a importância de não se prender a “preconceitos conceituais”. Por isso fiz essa especialização em Psicopedagogia e, neste período, iniciou-se outra história...

O contato com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) levou-me a refletir sobre as oportunidades que eles ganham e perdem ao almejar uma condição mais digna para sua sobrevivência, visto que, no Brasil, a EJA sempre foi marcada por movimentos ou iniciativas individuais de grupos, órgãos públicos e privados ou pesquisadores decididos a enfrentar o problema da existência de uma lacuna social representada pelo enorme contingente da população que não teve a oportunidade de frequentar a escola de ensino básico (Fundamental e Médio). Os dados estatísticos extraídos do Censo revelaram que, no ano de 2018, foram matriculados, na EJA, na rede municipal de Cariacica, 2.949 alunos no Ensino Fundamental e sem oferta do Ensino Médio. Na rede estadual de Cariacica havia 544 alunos no Ensino Fundamental e 3.305 no Ensino Médio, nesta modalidade.

A história desses movimentos revela discontinuidades, contradições e desafios permanentes em face das diferentes experiências e orientações de suas práticas. Constituem tais iniciativas, matrizes pelas quais novas experiências vão se constituindo. A essência dos novos e dos antigos movimentos, nessa direção, possui um ponto de convergência: o compromisso político diante da injustiça social.

A inserção do jovem da EJA no mercado de trabalho depende da retomada relativa da situação econômica que o Brasil está enfrentando, do crescimento demográfico e das condições sociais das famílias brasileiras.

As questões sobre a juventude vêm adquirindo um novo *status* no marco social. O mercado de trabalho tem sido alvo de muitas reflexões que se apresentam em torno de inúmeras análises que vão, desde os impactos de novas tecnologias ao seu retrocesso como critério de inclusão social e de poder político nas relações sociais.

Considera-se, também, que a taxa de desemprego tem crescido em consonância com a variável idade. O mercado tem preferido os jovens, devido aos menores encargos para contratação, bem como rescisão, isso contribui para o aumento de oportunidades nesse mercado, em detrimento dos mais velhos.

A justificativa pela escolha do tema perpassa pelas dificuldades para inserção no mercado de trabalho e análise das trajetórias enfrentadas pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em busca de oportunidade no mercado de trabalho. O público alvo atendido vive em um bairro de periferia de extrema pobreza. Os moradores possuem culturas e tradições diferenciadas, tendo um conceito de família diferente das tradicionais. São pessoas carentes de pai e mãe que abandonaram tudo e vieram tentar a sorte, mas, infelizmente, falta a escolarização e a qualificação, para o mercado de trabalho, o que os leva a diferentes tipos de atitudes ilegais e marginais, pois, assim, o dinheiro chega mais fácil em suas mãos. Entretanto, nem todos têm esse pensamento, há os que querem vencer com honestidade e de forma correta. Passam fome e a única refeição é a que a escola oferece à noite, no horário de intervalo das aulas.

Percebemos que a formação da EJA que os estudantes tanto almejam se constitui na grande maioria o desejo de uma inserção no mercado de trabalho. Contudo, para muitos, voltar a estudar depois de muitos anos representa atraso ou fracasso causado por um problema que na maioria dos casos é econômico. E esse sentimento de fracasso causa um desinteresse em continuar os estudos e procurar se aprimorar para se inserir no mercado de trabalho, onde a maioria deles se acomoda, retomando as atividades praticadas anteriormente.

Seu público constitui-se, majoritariamente, por indivíduos que tiveram passagens fracassadas pela escola, sendo excluídos do sistema regular. Nesse sentido, o grande desafio pedagógico, em termos de seriedade e criatividade que a Educação de Jovens e Adultos impõe e exige possibilitar a esse alunado. É uma educação que possa garantir seu espaço e sua inserção no mercado de trabalho, na participação ativa na política social do país, como sujeitos mais críticos e participativos.

As atuais mudanças demográficas, assim como o impacto das políticas de proteção social e as direcionadas para o trabalho, estão desempenhando importante

papel sobre a maneira e as condições pelas quais os jovens brasileiros estão se introduzindo no mercado de trabalho nacional.

Os jovens e adultos que estão inseridos no mercado de trabalho, em muitos momentos se deparam com adversidades para poderem se manter no emprego, é neste momento que a qualificação se torna uma necessidade evidente.

O problema da pesquisa foi pensar em: como se caracterizam as trajetórias percorridas por 30 estudantes da EJA para se inserir no mercado de trabalho cursando apenas o Ensino Médio?

O objetivo geral foi investigar as trajetórias percorridas pelos estudantes da EJA, na busca de inserção no mercado de trabalho. E os específicos foram:

- a) Identificar os obstáculos e êxitos dos jovens e adultos para adentrar no mercado de trabalho por meio do questionário aplicado;
- b) Analisar os dados coletados à luz da teoria que sustenta a investigação;
- c) Elaborar um guia com orientações sobre a inserção no mercado de trabalho.

Correia, Baltazar e Holanda (2018, p.) revelam que:

[...] a inserção do jovem no mercado de trabalho realiza-se de forma caracterizada, segundo a condição socioeconômica da sua família. Para as camadas com menor rendimento, o percentual de jovens que participam da População Economicamente Ativa (PEA), sejam eles ocupados e desempregados, é sempre inferior ao registrado para os jovens pertencentes às famílias com maior poder aquisitivo. Esta elevada proporção de inativos entre os jovens mais pobres está vinculada às crescentes dificuldades de entrada no mercado de trabalho, marcadas pelo crescimento do desemprego.

São alunos jovens e adultos,

[...] diferentemente das crianças, que retornam à escola por vontade própria e por sentir necessidade de sobrevivência no mercado de trabalho dessa sociedade forjada nos princípios do capitalismo liberal, em que as políticas de estado mínimo não dão conta e se descomprometem dos serviços mais básicos, como saúde, moradia, educação, segurança (RAGGI, 2008, p. 15).

Com base no problema pesquisado, buscaram-se os referenciais que apoiaram as discussões e auxiliaram nas observações e nas falas dos jovens.

Sendo assim, nos procedimentos metodológicos, definiram-se as técnicas e instrumentos para a execução da pesquisa. Realizou-se a transcrição de algumas entrevistas, na íntegra, e a análise dos dados em conformidade com os objetivos delimitados ao tema.

O trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos. O primeiro é introdutório, onde foi descrita a relação desta pesquisadora com o objeto de pesquisa, destacando o interesse pelos alunos devido sua sintonia com a EJA, da qual é professora da disciplina de Sociologia. Ainda neste capítulo foi apresentado o problema de pesquisa, sua relevância, os objetivos que buscou alcançar e a fundamentação da justificativa.

O segundo capítulo traz um referencial teórico onde se abordam estudos sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil e as mudanças nesta modalidade de ensino, tendo como referencial teórico diversos autores como Cunha (1999) que analisou a incapacidade do aluno analfabeto para a sociedade; Freire (2019) valorizou os saberes adquiridos e a importância do professor para os alunos da EJA; Raggi (2013) abordou os modelos educativos apropriados conforme a prática social da metodologia de projetos.

No capítulo três encontra-se retratada a metodologia (métodos e materiais) apresentando os procedimentos metodológicos adotados para a pesquisa, o local da pesquisa com um pequeno relato sobre a EEEFM Ana Lopes Balestreiro e o perfil dos sujeitos da pesquisa. No quarto capítulo, tem-se a descrição e análise dos dados descrevendo os resultados obtidos nas observações com o sujeito da pesquisa e as entrevistas realizadas, e o quinto capítulo apresenta o produto educacional seguido das considerações finais, com retomada dos objetivos e dos resultados obtidos, relacionando-os com a fundamentação teórica utilizada.

2 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NO BRASIL

Desde o Brasil Colônia que a Educação de Jovens e Adultos, no Brasil, vem se realizando, entretanto, as iniciativas governamentais no sentido de ofertar esta modalidade de ensino são recentes. Neste período, a referência à população adulta era somente de educação para a doutrinação religiosa, envolvendo um caráter muito mais religioso que educacional. No período do Brasil Império, algumas reformas educacionais começaram a acontecer e estas preconizavam a necessidade do ensino noturno para adultos analfabetos.

Em 1876, foi escrito pelo ministro José Bento da Cunha Figueiredo, um relatório que despontava a existência de 200 mil alunos que acompanhavam aulas noturnas. Por um período bem extenso, essas escolas eram a melhor opção para a educação de adultos que havia no país.

Segundo Cunha (1999), o desenvolvimento industrial, no começo do século XX, desencadeou um processo lento, mas que foi aumentando para a valorização da educação de adultos, com indagações no que se aludia à educação. São elas: a importância do domínio da língua falada e escrita, buscando o domínio das técnicas de produção; a aquisição da leitura e da escrita, como instrumento da ascensão social; a alfabetização de adultos como uma forma de crescimento do país; a importância da alfabetização de adultos para o crescimento de votos.

A partir de 1940, iniciou-se uma pesquisa, sendo detectados altos índices de analfabetismo no país, o que fez com que o governo tomasse a decisão de criar um fundo destinado à alfabetização da população adulta.

Em 1945, com o fim da ditadura de Vargas, iniciou um movimento de fortalecimento dos princípios democráticos no país. Com a criação da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) e, a partir dela, foi solicitado aos países integrantes, entre eles o Brasil, que se mobilizassem em função de educar os adultos analfabetos.

Com este fato, em 1947, o governo lançou a 1ª Campanha de Educação de Adultos, propondo: alfabetização dos adultos do país em três meses, oferecimento de um curso primário em duas etapas de sete meses, a capacitação profissional e o desenvolvimento comunitário. Nova discussão foi aberta sobre o analfabetismo e a

educação de adultos no Brasil.

Nessa época, o analfabetismo era visto como causa (e não como efeito) da precariedade do desenvolvimento brasileiro. Além disso, “[...] o adulto analfabeto era identificado como elemento incapaz e marginal psicológica e socialmente, submetido à menoridade econômica, política e jurídica, não podendo, então, votar ou ser votado (CUNHA, 1999, p. 25)”.

Essa primeira campanha foi lançada, de acordo com Soares (1996, p. 15), por dois motivos: inicialmente era o momento pós-guerra que estava presente no mundo, e que fez com que a ONU escrevesse uma série de recomendações aos países, entre estas um olhar específico para a educação de adultos. O segundo motivo foi o final do Estado Novo, pois trazia um processo de redemocratização, que gerava a necessidade de ampliação do contingente de eleitores no país.

A partir da 1ª Campanha, o SEA (Serviço de Educação de Adultos) do MEC, criou e levou para discussões, aos SEAs estaduais, um conjunto de publicações sobre o tema. Nessas publicações havia várias concepções: o investimento na educação, como solução para problemas da sociedade; o alfabetizador, identificado como missionário; o analfabeto visto como causa da pobreza; o ensino de adultos como tarefa fácil; a não necessidade de formação específica; a não necessidade de remuneração, devido à valorização do “voluntariado” e a partir daí iniciou um processo de mobilização nacional no sentido de se discutir a educação de jovens e adultos no país.

Embora a Campanha não obteve sucesso, alcançou alguns resultados, no que se refere à visão preconceituosa. Esta se superou a partir das discussões que ocorreram sobre o processo de educação de adultos. Várias pesquisas aconteceram e algumas teorias da psicologia desmentiram a ideia de incapacidade de aprendizagem designada ao educando adulto.

O método de alfabetização adotado para a população adulta, nessa Campanha, recebeu muitas críticas, em relação à precária condição de funcionamento das aulas, a pouca frequência e baixo rendimento dos alunos; a má remuneração e ao despreparo dos professores; a falta de adequação do programa e do material didático à clientela e a superficialidade do aprendizado, pelo curto período designado para tal.

Dessa forma, a 1ª Campanha começou a fracassar, devido aos resultados insatisfatórios, porém, a delegação de Pernambuco ganhou destaque porque, além

das críticas, foram apontando soluções; e quem fazia parte da delegação era Paulo Freire, que propunha uma maior comunicação entre o educador e o educando; e uma adequação do método às características das classes populares.

Foi criada uma grande mobilização, por parte da sociedade civil, em torno das reformas de base, ao final da década de 50 e início da de 60, o que beneficiou a mudança das iniciativas públicas de educação de adultos. Uma visão diferente, sobre o problema do analfabetismo, foi surgindo, junto à consolidação de uma nova pedagogia de alfabetização de adultos, que tinha como principal referência Paulo Freire. Surgiu um novo paradigma pedagógico – um entendimento diferenciado da relação entre a problemática educacional e a problemática social.

“O analfabetismo, que antes era apontado como causa da pobreza e da marginalização, passou a ser, então, interpretado como efeito da pobreza gerada por uma estrutura social não igualitária (SOARES, 1996, p. 15)”.

Nasceu a ideia de que o processo educativo deveria ser uma forma de modificar a estrutura social que produzia o analfabetismo, através da educação de base, partindo de um exame profundo da realidade em que os educandos estavam inseridos. As ideias de Freire de que a alfabetização é o domínio de técnicas para escrever e ler em termos conscientes e resulta numa postura atuante do homem sobre seu contexto, cresceram no país, o que rendeu a ele ser reconhecido nacionalmente por seu trabalho com a educação popular e, mais especificamente, com a educação de adultos.

A 1ª Campanha foi encerrada pelo Governo em 1963, que delegou a Paulo Freire a função de organizar e desenvolver um Programa Nacional de Alfabetização de Adultos. Porém, com o Golpe Militar em 1964, houve um rompimento desse trabalho, já que a conscientização, proposta por ele, passou a ser vista como ameaça à ordem instalada. Deu-se, a partir daí o exílio de Freire e o início da realização de programas de alfabetização de adultos assistencialistas e conservadores.

Em 1967, ainda nesse contexto, o Governo assumiu o controle da alfabetização de adultos, com a criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), voltado para a população de 15 a 30 anos, cujo objetivo era a alfabetização funcional com aquisição de técnicas elementares de leitura, escrita e cálculo, esvaziando de todo sentido crítico e problematizador, proposto anteriormente por Freire, das orientações metodológicas e os materiais didáticos.

O crescimento do MOBRAL aconteceu na década de 70, quando iniciou uma proposta de educação integrada, que tinha como objetivo a conclusão do antigo curso primário. Em contrapartida, alguns grupos que acreditavam na educação popular continuaram a alfabetização de adultos dentro da linha mais criativa. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 5692/71, implantou o Ensino Supletivo e, a ela, foi inserido um capítulo específico para a EJA. Esta lei limitou o dever do Estado à faixa etária dos 7 aos 14 anos, mas reconheceu a educação de adultos como um direito de cidadania, o que pode ser considerado um avanço para a área da EJA no país.

O MEC, em 1974, lançou uma proposta de implantação dos Centros de Estudos Supletivos (CES), que se articulavam entre o tempo, o custo e a efetividade. Entretanto, devido aos inúmeros acordos entre MEC e USAID, os cursos oferecidos tiveram uma enorme influência do tecnicismo, adotando-se os módulos instrucionais, o atendimento individualizado, a autoinstrução e a arguição em duas etapas - modular e semestral. Conseqüentemente, ocorreram a evasão, o individualismo, o pragmatismo e a certificação rápida e superficial.

Com a abertura política, nos anos 80, as experiências que foram surgindo em relação a alfabetização, foram sendo desenvolvidas dentro de um formato mais crítico, e adquiriram formas, fazendo surgir os projetos de pós-alfabetização, que propunham um avanço na linguagem escrita e nas operações matemáticas básicas.

No lugar do MOBRAL, extinto em 1985, criou-se a Fundação EDUCAR, que desistiu de executar de forma direta os projetos, passando a dar apoio à parte financeira e, na técnica, com as iniciativas existentes.

De acordo com Cunha (1999, apud PORCARO, 2019), “[...] a década de 80 foi marcada pela difusão das pesquisas sobre língua escrita com reflexos positivos na alfabetização de adultos”. Com a Constituição, promulgada em 1988, o Estado teve a ampliação de seu dever para com a EJA e, com isso, garantiu o ensino fundamental, tornando-o obrigatório e gratuito para todos.

O desafio da Educação de Jovens e Adultos, nos anos 90, passou a ser a criação de uma política e de metodologias criativas, com o Ensino Fundamental de qualidade e universalizado. Essa modalidade de ensino teve seu reconhecimento internacional e fortaleceu a cidadania e a formação cultural da população, por causa das conferências estabelecidas pela UNESCO, criada pela ONU a qual foi responsabilizada por incentivar a educação nos países em desenvolvimento.

Organizaram os Fóruns Estaduais da EJA, que crescem em todos os estados brasileiros, com exceção de Roraima.

O artigo 3º da LDBEN 9.394/96 trouxe um estímulo para a criação de propostas alternativas na área de EJA:

Art. 3º O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas;

IV - Respeito à liberdade e apreço à tolerância;

V - Coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

VI - Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

VII - Valorização do profissional da educação escolar;

VIII - Gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;

IX - Garantia de padrão de qualidade;

X - Valorização da experiência extraescolar;

XI - Vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais (BRASIL, LDBEN, 2019).

Apesar da Lei ter dedicado apenas uma sessão com dois artigos à EJA (2º, 3º e 4º), referem-se a ela sob o prisma do Ensino Fundamental, o que se considera um ganho para a área. Além disso, ao determinar a identificação daqueles que não tiveram acesso ao Ensino Fundamental, abriu uma brecha para a intervenção e criou possibilidades de confronto entre o universo da demanda e o volume e qualidade da oferta, o que pode gerar um maior compromisso do setor público com a EJA.

Na década de 90, os municípios passaram a ter responsabilidade com a EJA, pois o governo se desobrigou de articular a política nacional. Inúmeras iniciativas vão emergindo, ocorrendo parcerias entre municípios, ONG's e Universidades, fazendo surgir os fóruns de EJA, como espaços de encontros e ações em parceria entre os diversos segmentos envolvidos nesta modalidade, com o poder público (administrações públicas municipais, estaduais e federal), com as universidades, sistemas, ONG's, movimentos sociais, sindicatos, grupos populares, educadores e educandos.

O objetivo deste Fórum foi, entre tantos, fazer a troca de experiências e o

diálogo entre as instituições. Os fóruns articulam instituições, socializam iniciativas e intervêm na elaboração de políticas e ações da área de EJA. Estes ocorrem num movimento nacional, com o objetivo de interlocução com organismos governamentais para intervir na elaboração de políticas públicas. Eles acontecem de diversas formas, porém, o Rio de Janeiro é o primeiro estado a criar um Fórum Estadual de EJA.

Em 2001 organizou, em Brasília, uma reunião para compreender os desafios dos fóruns sobre a EJA, concluindo-se que têm o objetivo de socializar informações e trocar experiências, sendo um espaço de pluralidade. Eles surgem como uma estratégia de mobilização das instituições do país que estão diretamente envolvidas com a EJA, pois o MEC se ausenta da qualidade de articulador de uma política nacional para essa modalidade de ensino.

A partir de 1997, com o surgimento dos fóruns, a história da EJA passa a ter um Boletim da Ação Educativa, onde tudo é registrado e socializa uma agenda desses momentos e os relatórios dos ENEJAs. De 1999 a 2000, então, os fóruns passam a ser uma presença constante nas audiências do Conselho Nacional de Educação para discutir as diretrizes curriculares para a EJA.

2.1 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS APÓS A NOVA LDBEN

As escolas públicas do Brasil iniciam, a partir de 1996, um complexo processo de transição. Foi extinto o ensino supletivo e se implantou a Modalidade EJA no Ensino Fundamental e Médio, buscando a emancipação do educando através de um permanente processo de ensino aprendizagem. Não obstante, a realização da 5ª Conferência Internacional sobre Educação de Jovens e Adultos (CONFINTEA) realizada em julho de 1997, na Alemanha, lançou, em seus documentos, uma série de orientações a serem seguidas pelos sistemas educacionais que implementaram essa nova modalidade de ensino.

As intensas transformações socioeconômicas e culturais das últimas décadas motivaram a produção dessas recomendações com vistas ao desenvolvimento de estratégias educacionais para a produção de conhecimento e aprendizagem permanentes e ao longo da vida.

De acordo com os documentos elaborados pela CONFINTEA, os cursos de EJA são preparados para a alfabetização do cidadão e sua transição pela

sociedade, revelando um sujeito crítico e participativo na esfera social; a preparação permanente dos educadores visando qualificar as suas ações pedagógicas; a aprendizagem de competências e habilidades que possam dar aos jovens e adultos, amparo para lidar com as tecnologias e, desta forma, conseguir acompanhar as frequentes transformações globais e os impactos, por ela, causados.

O documento revela a construção de propostas educacionais que favoreçam o desenvolvimento de valores solidários, de justiça e tolerância, mediante o uso da autonomia e do senso crítico do jovem e adulto inserido na sociedade. Outros valores como, o respeito aos saberes ditos não formais, produzidos pelos jovens e adultos ao longo da vida e, a elaboração e implementação de um currículo diversificado e flexível, de acordo com a realidade sociocultural do educando, serão analisados mais adiante.

A criação de documentos internacionais sobre a EJA forçou o Brasil a fazer compromissos para que o público jovem e adulto fosse bem atendido, sobretudo se analisadas as taxas de analfabetismo do país, consideradas altas em comparação com outras nações. Nesse sentido, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, aprovada em 1996, instituiu a obrigatoriedade da oferta de EJA para aqueles que não tiveram acesso ou não deram continuidade aos estudos na idade regular.

A LDB determina a obrigatoriedade da oferta de educação gratuita por todos os sistemas públicos de ensino. A legislação cria diferentes mecanismos em níveis federal e estadual, como Pareceres e Resoluções, a fim de legalizar cada vez mais as estruturas balizadoras da Educação de Jovens e Adultos. A Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos e o Parecer 11/2000 do Conselho Nacional de Educação, que faz referência às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos são fundamentais para compreender como está organizada a Modalidade EJA no sistema de ensino brasileiro.

De acordo com a Lei nº 9.394/96, “[...] a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso, ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria”. Esta mesma lei estabelece que:

[...] os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e adultos que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades

educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, e condições de vida e de trabalho mediante cursos e exames (BRASIL, 1996).

Percebe-se, então, que há uma vontade política de favorecer a cada dia a permanência do aluno na escola, proporcionando meios de concluir seus estudos em pouco tempo.

Paulo Freire mostra o quanto é importante, na Educação de Jovens e Adultos, a prática da liberdade, onde o professor leva o aluno a problematizar e se sentir ser pertencente ao mundo em que vive, fazendo-os sentir-se desafiados respondendo positivamente as perguntas realizadas de forma contextualizadas com a sua realidade.

Freire (2019, p. 49) relata que “[...] não há saber mais ou menos; há saberes diferentes”, mostrando que o saber popular é de grande importância para o professor, que ministra suas aulas na EJA.

Para Fonseca (2019, p. 18), é de extrema importância que os professores,

[...] conheçam os saberes e as habilidades que os alunos desenvolvem em função do seu trabalho no dia a dia e no seu cotidiano; assim cada vez mais, os professores da EJA têm de lidar com várias situações: a especificidade socioeconômica do seu aluno, a baixa autoestima decorrente das trajetórias de desumanização, a questão geracional, a diversidade cultural, a diversidade étnico-racial, as diferentes perspectivas dos alunos em relação a escola, as questões e os dilemas políticos da configuração do campo da EJA como espaço e direito do jovem e adulto, principalmente os trabalhadores.

Ensinar a jovens e adultos exige uma relação professor-aluno de conscientização, de mediação e de incentivo, pois tudo que o docente faz em sala de aula torna-se de grande influência na apropriação dos conceitos, pois a maioria desses alunos vem de um dia cansativo de trabalho e muitos anos sem frequentar a escola.

2.1.1 Aprendizagem de jovens e adultos da EJA

Os alunos jovens e adultos da EJA são pessoas, em sua maioria, que

retornam aos estudos, após um tempo afastadas da escola. São personagens principais das histórias reais e ricos em experiências vividas e com valores e crenças constituídos, cuja visão de mundo é favorecida por suas raízes culturais e por vivência social, familiar e profissional. Uma noção de mundo mais relacionada ao *ver*, do que *fazer*.

Aberto às aprendizagens, eles vêm para a sala de aula com um olhar que é, por um lado, um olhar receptivo, sensível, e, por outro, é um olhar ativo: curioso, explorador, investigador, interrogativo. Vêm com inúmeros conhecimentos adquiridos ao longo de sua história de vida. Esses conhecimentos de vida são o saber sensível e o saber cotidiano (BRASIL/MEC, 2006, p. 5).

O saber sensível está relacionado ao saber do corpo, originado na primeira relação com o mundo e firmado na percepção do outro e de tudo que o cerca. Um saber que antecede a reflexão. Este saber é firmado pelos cinco sentidos e que todos podem ter, mas é pouco valorizado. Esse tipo de saber não é considerado por grande parte da classe doente, portanto, não é estimulado nos espaços escolares, pois muitos professores atribuem sua exploração apenas às aulas de artes. Desse modo,

[...] Qualquer processo educativo, tanto com crianças quanto com jovens e adultos deve ter suas bases nesse saber sensível, porque é somente através dele que o (a) aluno (a) abre-se a um conhecimento mais formal, mais reflexivo (BRASIL/MEC, 2006, p. 6).

Na prática docente cotidiana, observou-se que esses alunos jovens e adultos, adquirem o saber sensível na experiência de vida, são plenos deste saber. Quase a maioria deles é receptiva às situações de aprendizagem, demonstrando encantamento e prazer mediante os procedimentos, os novos saberes e as vivências proporcionadas pela escola. Esses sentimentos precisam ser cultivados, pois são a porta de entrada para o exercício do raciocínio lógico, a reflexão, a análise, a abstração e com eles a construção um novo saber – o conhecimento científico.

O saber cotidiano se configura como o que reflete a vida, por ser da vivência de cada um e formado fora da escola. Esse saber possui uma concretude, proveniente da produção de soluções que surgiram com os seres humanos para os

mais variados desafios que vivenciam. São caracterizados como um saber aprendido e consolidado em hábitos e modos de pensar no dia a dia. É o saber das ruas, o “senso comum”, que é diferente do conhecimento formal elaborado com e na escola. É um saber pouco valorizado no mundo letrado escolar e pelo próprio aluno.

É o saber científico que leva o jovem à busca pela escola. Ele não decide de forma simples. É embalado pela família, sofre pressões dos patrões, está sujeito às precárias condições de acesso e as distâncias entre a casa e a escola podem se construir em obstáculos; muitas vezes são escassas as possibilidades de custear os estudos e, na maioria das vezes, sua trajetória para conquistar um espaço na escola se transforma em um processo de idas e vindas, de ingressos e desistências, de fracassos e derrotas.

Nesse contexto, a escola deve rever seus projetos e olhar para “A valorização do saber da experiência que precede a sua superação em termos mais sistemáticos e, portanto, científicos” (FREIRE, 2019, p. 232). O saber no senso comum traz uma grande bagagem de conhecimentos que deverão ser transformados em saberes científicos. Para o jovem e o adulto é um desafio estudar, é um projeto de vida.

A escola que eles possuem, em seu imaginário, é aquela que muitos já frequentaram outrora ou aquela que acompanham seus filhos, e nem sempre é a que se deparam nos primeiros dias. Eles esperam encontrar uma escola tradicional, com aulas expositivas, com conteúdos espalhados na lousa para serem copiados, sendo o professor o detentor do saber e aquele que irá transmitir todos os conteúdos e eles serão recebidos, passivamente, pelo aluno. No entanto, esse modelo pedagógico já não atende mais aos interesses e nem os prepara para o mundo do trabalho.

A formação dos jovens e adultos requer modelos educativos apropriados, que os coloquem em contato com a prática social concreta. Nesse sentido, Raggi (2008) constatou, em sua tese de doutoramento, que a metodologia de projetos é uma estratégia de aprendizagem baseada em projetos educativos, que promove a articulação entre diversas áreas do saber, contextualiza o ensino e parte da realidade dos alunos. Essa perspectiva pedagógica compreende:

[...] um conjunto de técnicas e processos pedagógicos usados para integrar as diversas áreas do saber e construir conhecimentos centrados em problemas reais, na busca de solução para os mesmos, por meio de

pesquisas científicas e da obtenção de um produto concreto (RAGGI, 2008, p. 96).

Os estudantes, ao se encontrarem diante de uma sala de aula, onde são convidados a pensar juntos, a expor suas experiências e opiniões em grupo, a tentar encontrar soluções para seus receios, realizar diferentes exercícios daqueles mais convencionais, ler textos literários; aprender com a música, entender a matemática utilizando jogos e cálculos diversos, construir projetos, se assustam, rejeitam e pensam que este não é o caminho certo para aprender.

A metodologia de projetos é uma estratégia de aprendizagem baseada em projetos educativos. De acordo com Raggi (2013, p. 96),

Metodologia de Projetos é um conjunto de técnicas e processos pedagógicos usados para integrar as diversas áreas do saber e construir conhecimentos centrados em problemas reais, na busca de solução para os mesmos, por meio de pesquisas científicas e da obtenção de um produto concreto.

Ainda nas colocações de Raggi (2013, p. 98),

[...] o trabalho com projetos permite o estabelecimento de um vínculo entre os conteúdos e os problemas reais e certamente, é uma possibilidade de alunos e professores, participarem e transformarem em aprendizagem as experiências sociais como revelaram Hernández e Ventura (1998, p.10). Se o adulto aprende melhor quando percebe significado na informação ou conteúdo que a ele se apresenta, quando interage com sua cultura, com sua história, assumindo compromissos com sua aprendizagem e com a comunidade, a realização dos projetos sinaliza um caminho interessante de desenvolvimento da aprendizagem para a EJA.

É importante que a escola invista no acolhimento desses alunos, que devem ser receptivos à aprendizagem, que sejam curiosos e desejosos de aprender, pois grande parte desses, que buscam a escola, esperam dela um espaço que atenda às suas necessidades como pessoas e não apenas como alunos, que apesar da maturidade, passaram boa parte de seu percurso escolar tendo que trabalhar para manter o sustento da casa, ou por uma série de reprovações e, por este motivo, estão defasados em conhecimentos básicos e com baixa estima, devido à idade.

Para Freire (2011, p. 30), “[...], ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, desmistificando o que eles pensam: que nada sabem e que nada irão aprender.

O principal desafio consiste em fazer uma escola na qual professores e alunos se veem como sujeitos com a missão de construir conhecimentos, que sejam amparados na perspectiva daqueles que aprendem. Os jovens e adultos procuram, na escola, muito mais que conteúdos prontos a serem reproduzidos. Eles querem se sentir sujeitos ativos, participativos e aptos para a aquisição de conhecimentos culturais, sociais e econômicos.

Os jovens e adultos que integram as salas de aula da EJA possuem uma diversidade de origens. Deparam-se com pessoas que migraram de suas cidades de origem em busca de condições de vida melhores, de trabalho, moradia, estudos e de novas oportunidades. O movimento migratório é declarado, nas salas, por meio dos traços físicos, modos de falar, agir e reagir, formas de lazer, preferências culinárias, musicais, etc.; uma diversidade de cultura. Em certas regiões, é comum encontrarmos alunos e alunas que saíram do campo, de um espaço rural para a cidade, a fim de dar continuidade nos estudos ou para obter um trabalho fixo. Portanto, “O conjunto cultural formado pelas pessoas que se encontram numa mesma série, numa sala de aula é, então, extremamente rico. A cultura marca a visão de mundo e é a base onde a construção de conhecimentos vai se dar” (BRASIL/MEC, 2006, p. 12).

Ireland (2000, citado por OLIVEIRA; PAIVA, 2004, p. 128) analisando as práticas de formação de educadores da EJA, no Brasil, aponta como algumas de suas características a improvisação e a descontinuidade em função das políticas e do remanejamento de recursos.

Além disso, o educador deve buscar entender o outro, levar o aluno a ter uma atitude investigativa, explorando a diversidade cultural, ter a flexibilidade para lidar com o inesperado, o respeito pelo tempo do outro, o que exige uma paciência também compreensiva, porque se sabe que no processo de aprendizagem cada um tem um ritmo, tem um tempo para produzir suas próprias reflexões; assumir a responsabilidade de estar trabalhando com seres humanos, o educador deve ser um agente de transformação social, comprometido também com os projetos de sociedade que estão sendo construídos, isto é, um sujeito também aprendiz da Educação, no sentido amplo, que se dá pela inserção, em todos os campos sociais, assim como sociedade, aprendendo a construir a democracia no país. Toda essa

ação vai contribuir para levá-los a perceber a importância de se estar preparado para enfrentar o mundo do trabalho.

Em 1960, Freire reconheceu o analfabetismo como uma questão não só pedagógica, mas também social e política. “[...] Educar a favor dos pobres é educar para a transformação da sociedade geradora da pobreza” (FREIRE apud BRASIL/MEC, 2006, p. 16).

Outro fator que chama a atenção para esses alunos é a autoestima. A maioria é baixa e reforçada pelas situações de fracasso escolar.

A autoestima faz parte de nossas atitudes [...] Nossa atitude com relação a alguma coisa ou pessoa é o que pensamos e sentimos sobre ela, a forma pela qual a avaliamos e aceitamos e a maneira como conseqüentemente agimos como referência a ela (ARÁGON e DIEZ, 2004, citado por JÚNIOR, 2010, p. 10).

Após análise das definições de autoestima, chegou-se à conclusão de que o professor, como formador de opinião, exerce influência na motivação do educando, percebendo que, como profissionais, são capazes e competentes para incentivá-lo de forma positiva. Conforme Pereira (2004, citado por JÚNIOR, 2010, p. 12), “[...] sem dúvida, a estima que a pessoa tem por si mesma, é dinâmica como a vida e precisa ser protegida e nutrida”.

Sua eventual passagem pela escola pode ter sido marcada pela exclusão e/ou pelo fracasso escolar. Seu desempenho pedagógico anterior foi comprometido, e sua volta à sala de aula pode revelar uma autoimagem fragilizada, que expressa sentimento de insegurança e de desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem.

Esse fracasso escolar é hoje um objeto de estudo nas áreas da Educação e da Psicologia. Suas causas apontam para uma diversidade e complexidade de fatores, ligados ao psiquismo do aluno: forma como ele interage com o ambiente escolar, modo como estabelece relações com o saber e com o aprender, seu relacionamento com os professores e com os colegas, suas relações familiares, os vínculos que constrói com o conhecimento, etc.; á estrutura da escola: as características, o modelo pedagógico adotado, o perfil dos professores. etc.0; a uma dimensão social ampla: políticas públicas de educação e a secular desigualdade econômica e social da sociedade brasileira (BRASIL/MEC, 2006, p. 16).

O fracasso escolar tece uma teia, onde o aluno se enreda e custa se desvencilhar. A teia se torna tão emaranhada que não oferece saída, causando o desfecho comum, o abandono da escola. A pesquisa de Marcelo Neri (2009, p. 5), no ano de 2009, revelou, em percentuais, os fatores que causam o abandono escolar: 10,9% possuem dificuldades de acesso à escola; 27,1% têm necessidade de trabalho e gerar rendas; 40,3% têm falta intrínseca de interesse e 21,7% possuem outros motivos para não frequentar a escola. Sabe-se que o cansaço diário dos diferentes tipos de trabalho faz com que este indivíduo não deseje mais estudar. Os interesses perpassam por manter a comida na mesa, se vestir e sustentar a família.

A Educação de Jovens e Adultos tem sido pautada numa perspectiva voltada para a alfabetização dos segmentos da população a quem o acesso à escolarização regular foi prejudicado pela falta de oportunidade, as necessidades de trabalho pela defasagem na idade, por repetência, etc. Tempos depois, ao retornarem para a escola, os jovens e adultos ficam extremamente suscetíveis, preferindo novamente tecer uma teia e nela se enredarem, do que vivenciarem outro fracasso escolar. É um fato que não deixou Freire indiferente. Ele esclareceu que

“[...] o ato de estudar necessita de persistência e atenção, o que por sua vez, remete a uma atividade mental que está presente não só na resolução de tarefas de aprendizagem, como também na maior parte das ações sociais” (FREIRE, 2019, p. 231).

O cansaço da vida laboral e as dificuldades para a sobrevivência contribuem para o cansaço mental fazendo com que muitos desistam.

Patto (2015, p. 59) relata que:

A reprovação e a evasão escolar são: um fracasso produzido no dia-a-dia da vida na escola e na produção deste fracasso está envolvido aspectos estruturais e funcionais do sistema educacional, concepções de ensino e de trabalho e preconceitos e estereótipos sobre a sua clientela mais pobre.

São preconceitos que não se apresentam apenas pelos educadores, eles estão disseminados há décadas na literatura educacional enquanto discurso ideológico. É muito comum presenciarmos em sala de aula ideias preconcebidas

sobre o aluno que apresenta dificuldades em sua aprendizagem, que é qualificado de forma pejorativa pelos professores, pais e colegas como “burro”, “preguiçoso”, “deficiente”, “lento” etc. As palavras ferem a autoestima imprimindo umas cicatrizes profundas, que causam um efeito devastador no sujeito.

Raggi et. al. (2013, p. 97) analisaram as percepções dos professores da Educação Profissional que atuavam no Programa de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos (Proeja) em uma instituição federal. As autoras constataram que alguns professores se referiam aos alunos, dessa modalidade, de forma bastante pejorativa e discriminatória, indicando que esse público não tinha capacidade de aprendizagem. As autoras constataram também que os professores também pensam que os estudantes pertencem a uma classe desfavorecida, mas adotaram “[...] as expressões esforço, dificuldade, vontade, superação, desnivelamento, persistência, batalha, luta, dedicação, determinação e maturidade” (RAGGI et. al., 2013, p. 97), como características principais, relatando que alguns são estudantes excluídos e fora da faixa etária, e que fazem parte de uma classe social, mas baixa, apresentando deficiência na formação das disciplinas de Matemática, Física, Química e Língua Portuguesa.

É notório que o sucesso eleva a autoestima, enquanto o fracasso causa grandes estragos na relação consigo mesmo, ferindo a autoimagem do aluno jovem e adulto. Estas marcas são evidentes na sala da EJA. Por um lado, atitudes de irreverência e transgressão, por outro, atitudes de extrema timidez e retração. Observa-se, no cotidiano, que são alunos que demonstram vergonha de perguntar ou responder, nervosismo em situações de avaliação, ou são muito indisciplinados e agitados. Muitos têm dificuldades de olhar nos olhos do professor, por se sentirem envergonhados.

A autonomia, a dignidade e a identidade do educando têm de ser respeitada para evitar que o ensino se torne “inautêntico, palavreado vazio e inoperante” (FREIRE, 2002, p. 69). E isto só é possível quando se leva em consideração os conhecimentos adquiridos pelas experiências das crianças e adultos antes de chegarem à escola.

O professor precisa gostar do trabalho do aluno, fazer de suas aulas momentos de liberdade para falar, debater e ser aberto para incentivar a aprendizagem do fazer dela um prazer.

É esta força misteriosa, às vezes chamada vocação, que explica a quase devoção com que a grande maioria do magistério nele permanece, apesar da imoralidade dos salários. E não apenas permanece, mas cumpre, como pode, seu dever (FREIRE, 2011, p. 161).

Na obra, *Pedagogia da Autonomia* (2011), Freire orienta e incentiva os educadores a refletirem sobre seus fazeres pedagógicos, modificando e aperfeiçoando aquilo que acharem necessário para aperfeiçoar o seu trabalho, pois não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Afirma, a todo instante, que, para ter segurança, o professor deve estudar e preparar suas aulas, que deve se esforçar para estar à altura de sua profissão e que o esforço para atingir estas metas fornece a moral necessária para que o professor transpareça a segurança de seus conhecimentos e sua autoridade nos assuntos que vai ensinar. O professor deve incentivar a curiosidade, que deve ser democrática.

O professor deve pensar que, por meio da educação, também se fazem transformações sociais, mas deve ter a consciência da sua indevida utilização como meio de reprodução de ideologias dominantes. O bom professor, para Freire (2011, p. 162), “[...] não deve ser completamente apolítico, por expor suas opiniões e ensinando vários conceitos baseados em sua visão de mundo, porém pode demonstrar que é possível mudar, reforçando a importância da sua tarefa político-pedagógica”.

Além dessa importante tarefa, a afetividade não deve assustar o docente, que muitas vezes tem medo de expressá-la. Deve-se ter afetividade, sem deixar o respeito e a autoridade de lado. Para Freire, os pequenos gestos, palavras e olhares de respeito e de qualificação do professor para com seu aluno são de extrema importância. “Este saber, o da importância desses gestos que se multiplicam diariamente nas tramas do espaço escolar, é algo sobre o que teríamos que refletir seriamente” (FREIRE, 2002, p. 43) e afirma que:

[...] As vezes mal se imagina o que pode passar a representar um simples gesto de um professor. O que pode um gesto aparentemente insignificante valer como força formadora ou como contribuição à do educando por si mesmo (FREIRE, 2011, p. 47).

Para Freire há necessidade afetiva nas relações sociais, em especial a

relação entre professor e aluno. Ele destaca que “[...] não há educação sem amor. [...] Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar” (FREIRE, 2019, p. 15).

O papel do professor é fundamental para evitar essas situações e mais um fracasso escolar. O docente deve valorizar os saberes que os alunos trazem para a sala de aula, reconhecendo que existe uma sabedoria no sujeito, o “saber de experiências feito” (FREIRE, 2019, p. 232) que vem da sua experiência de vida, de seu conhecimento cultural, de suas habilidades profissionais, contribui para que ele resgate uma autoimagem positiva, e amplia sua autoestima fortalecendo sua autoconfiança. Acolher e valorizar o aluno possibilita a abertura de um canal de aprendizagem com maiores garantias de êxito.

Além dos problemas da autoestima, os alunos da EJA, em sua maioria, são trabalhadores e, muitas vezes, começaram a trabalhar cedo, e já eram responsáveis pelo cuidado com a casa, com os irmãos mais novos, porque os pais saíam para laborar e lhes davam a responsabilidade da casa. Outras vezes, os filhos os acompanhavam, ajudando-os em pequenas tarefas.

As alunas e alunos da EJA, em sua maioria, são trabalhadores e, muitas vezes, a experiência com o trabalho começou em suas vidas muito cedo. Nas cidades, seus pais saíam para trabalhar e muitos deles já eram responsáveis, ainda crianças, pelo cuidado da casa e dos irmãos mais novos. Outras vezes, acompanhavam seus pais ao trabalho, realizando pequenas tarefas para auxiliá-los. É comum, ainda, que nos centros urbanos, estes alunos tenham realizado um sem-número de atividades cuja renda completava os ganhos da família: guardar carros, distribuir panfletos, auxiliar em serviços na construção civil, fazer entregas, arrematar costuras, cuidar de crianças etc. (BRASIL/MEC, 2006, p. 19).

Nas regiões rurais, esses alunos começam a participar do trabalho ainda crianças, quando vão para as plantações, cuidam da terra ou da criação de animais; auxiliam nos serviços caseiros. Nessas regiões, os horários, os períodos da colheita, de chuva e de seca marcam a vida cotidiana das pessoas. Todas essas situações aliadas às grandes distâncias configuram condições precárias para a escolarização (BRASIL/MEC, 2006, p. 19).

Boa parte dos alunos da EJA são sujeitos que trabalham e, após um dia de labuta, chegam à escola e, nas salas, apresentam um número grande de sujeitos

desempregados e de trabalhadores que exercem funções em serviços temporários e informais. Entretanto, é preciso lembrar que as funções exercidas pelos alunos não passam, nem de longe, pelo trabalho como atividade fundamental pela qual o ser humano se humaniza e aperfeiçoa. A juventude, hoje, está mais crítica e consciente da sua importância e busca construir seus conhecimentos, preparando-se para o mercado de trabalho.

2.2 A JUVENTUDE ATUAL

Com a globalização, jovens e adultos se veem obrigados a ter contatos tecnológicos e, para isto, é necessário que possuam conhecimentos. A Organização das Nações Unidas (ONU) define jovem ou juventude como sendo a pessoa entre 15 e 24 anos, período esse em que alcança a maturação biológica, psicológica e social o que lhe permitirá uma completa condição de participar das relações sociais do mundo adulto. Sendo “[...] um exercício complexo, pois corresponde a construções sociais nem sempre presentes nas sociedades nem manifestadas da mesma forma ao longo da história de uma dada sociedade” (BRASIL, ONU, 2019).

Considera-se que ao se pensar em juventude, intenciona-se designar uma fase da passagem da vida humana em que os adultos não têm mais cuidado com este membro da comunidade para que possa passar da condição de dependente para uma referida independência, colaborando com a sustentação da vida coletiva.

Para a definição de juventude, é importante compreender as contradições presentes nesse segmento da população, devido suas especificidades e desigualdades que são produzidas por razões históricas, sociais e culturais, em vez de uma juventude homogênea, conforme sua faixa etária. A juventude precisa ser pensada em suas diferentes condições produzidas pelos meios sociais em que convivem.

Segundo Silva e Silva (2019, s.d.), a palavra juventude assumiu diferentes significados, conforme o contexto histórico, social, econômico e cultural vigente. Entretanto, o significado mais comum para esta fase é ser considerada como de transição entre a adolescência e a vida adulta. De acordo com Dayrell e Gomes (apud SILVA; SILVA, 2019, s.d.), “Uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, onde o jovem é um ‘vir a ser’, tendo no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente”.

Abramo (2008, apud SILVA; SILVA, 2019, s.d.) compartilha a ideia de Dayrell e Gomes, considerando que para a sociedade contemporânea essa é uma fase de preparação do jovem,

[...] para um exercício futuro de cidadania, dada pela condição de adulto, quando as pessoas podem e devem (em tese) assumir integralmente as funções, inclusive as produtivas e reprodutivas, com todos os deveres e direitos implicados na participação social.

De acordo com Novaes (org.), na Política Nacional de Juventude (2019, p. 5),

A juventude é uma condição social, parametrizada por uma faixa etária, que no Brasil congrega cidadãos e cidadãs com idade compreendida entre os 15 e os 29 anos. [...] Em termos políticos e sociais, os jovens são sujeito de direitos coletivos. Sua autonomia deve ser respeitada, suas identidades, formas de agir, viver e se expressar valorizadas.

A Política Nacional de Juventude (PNJ), no Brasil, divide a faixa etária dos 15 aos 29 anos em 3 grupos: 15 aos 17 anos são jovens-adolescentes; 18 a 24 anos são jovens-jovens e dos 25 aos 29 anos são jovens-adultos. Sendo que o primeiro grupo está incluído na política da criança e do adolescente.

Segundo Souza (2004, p. 49),

[...] não se pode misturar juventude e os jovens; o primeiro é a fase, e o segundo são os sujeitos que vivem uma diversidade. É uma compreensão que oferece possibilidades para pensar a juventude a partir de uma concepção ancorada na sua pluralidade de formas de ser e viver.

O jovem brasileiro está alcançando um *status* político e social cada vez mais notável, ainda que vivendo em processo de consolidação. O que marca esse processo é a não acomodação da juventude em ser somente um objeto das ações sociais e das políticas públicas. Na linha histórica da juventude, têm-se características que revelam cada época vivida por esta fase da vida, segundo Dick (2003, p. 237):

Quadro 1 - Principais características dos jovens e sua representação nas décadas

ANOS 40	Jovens marcados pelas experiências chocantes vividas durante a Segunda Guerra Mundial e com as bombas atômicas no Japão.
ANOS 50	“Anos Dourados” - jovens mais autônomos.
ANOS 60	Década onde o tema JUVENTUDE foi mais explorado, expansão do Movimento hippie como uma ameaça à ordem social. I
ANOS 70	“Anos de ressaca” - juventude insatisfeita, buscando mudanças para sair de uma sociedade estagnada, apática e viciada.
ANOS 80	Defesa do protagonismo juvenil através da “Pastoral Juvenil” e redução dos avanços da liberdade sexual através da difusão da AIDS; jovens sem ideologia, individualistas, consumistas e conservadores.
ANOS 90	Transição de uma geração que valorizava a organização, a articulação, a lógica e o raciocínio, para uma geração que valoriza o corpo, o prazer, o fragmentado e o individual. Surge a “geração <i>zapping</i> ” (em constante mudança).
ANOS 2000	A geração Y, costuma ser conhecida como geração Internet, se constituindo por indivíduos que nasceram entre os anos de 1980 a 2000. São conectados, devido terem sido criados na era da informação e dos avanços tecnológicos.
Anos 2010	Os jovens da geração Z antecipam e simplificam muita coisa – pontos extremamente positivos no mundo corporativo. São profissionais com uma compreensão tecnológica apurada, abertos a novas tecnologias e com raciocínio rápido. Essas características acabam gerando certa impaciência, e a rotina frequente atrelada a processos burocráticos pode ser desanimadora para esses jovens.
Anos 2020	São jovens chamados de Millennials por terem sido incentivados desde infância a acreditar que merecem estar à frente das coisas. São assertivos, desejam feedbacks regulares e gostam de receber elogios e críticas.

Fonte: Dick, 2003, p. 237

Diante do quadro apresentado, considera-se a juventude como resultante de uma vivência em certo período histórico e social, trazendo informações da cultura onde ela é constituída e o tempo pelo qual ela é arquitetada. Inseridos nos conceitos hegemônicos da sociedade contemporânea, os jovens se apresentam assustados e inseguros e drasticamente imediatistas. “A imagem do jovem que se cristalizou na sociedade atual traz uma forte característica de metamorfose, de aglutinação, de inconstância, de incerteza e de desvinculação, enquanto representação de uma categoria fragilizada e vulnerável” (GUIMARÃES; GRISPUN, 2019, p. 8). Em compensação, os jovens representam, também, uma categoria que tem consciência

e aceita desafios ao se propor em buscar novos valores sociais, morais e afetivos, que possam reestruturar sua identidade. Hall (2014, p.13) destaca que a identidade vai se formando por meio de um processo histórico, e não biológico, e que “[...] o sujeito assume identidades diferentes, em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente”.

A presença de jovens e adultos no mercado de trabalho é assinalada pela desigualdade. É notório, que a inserção das jovens no mercado de trabalho é bem superior em todas as regiões analisadas e conserva a similaridade com a taxa de participação dos homens jovens, o que favorece as alterações de comportamento das novas gerações a caminho de uma maior igualdade nas relações de gênero.

A inserção do jovem e adulto no mercado de trabalho se realiza conforme a condição socioeconômica das famílias. Para as com menor rendimento, o percentual de jovens e adultos ocupados ou desempregados, é sempre inferior ao registrado para os que pertencem às famílias com maior poder aquisitivo. Este aumento de inativos, entre os jovens mais pobres, está referenciando às crescentes dificuldades de entrada no mercado de trabalho, marcado pelo crescimento do desemprego.

2.3 OS (DES) CAMINHOS DO PRIMEIRO EMPREGO

Analisando o processo de inserção do jovem e do adulto no mercado de trabalho brasileiro pensa-se que não pode ser dissociado das características concentradoras e excludentes do desenvolvimento socioeconômico brasileiro, responsável pela construção de uma das nações com os mais elevados índices de desigualdade econômica, regional e entre diversos segmentos da sociedade.

De acordo com Henrique (apud SANTOS; GIMENEZ, 2019, p. 155),

Nos quadros da rápida urbanização do Brasil e das oportunidades de emprego nos grandes centros urbanos, observa-se uma intensa mobilidade social ascendente, a formação de uma “nova classe média” e a queda acentuada da pobreza. Não obstante, a rápida expansão da capacidade de produção de riqueza material que transformou a estrutura social e promoveu forte mobilidade ascendente foi incapaz de eliminar a pobreza no país e diminuir a desigualdade, colocando o Brasil em 1980 entre aqueles países de maior desigualdade do mundo.

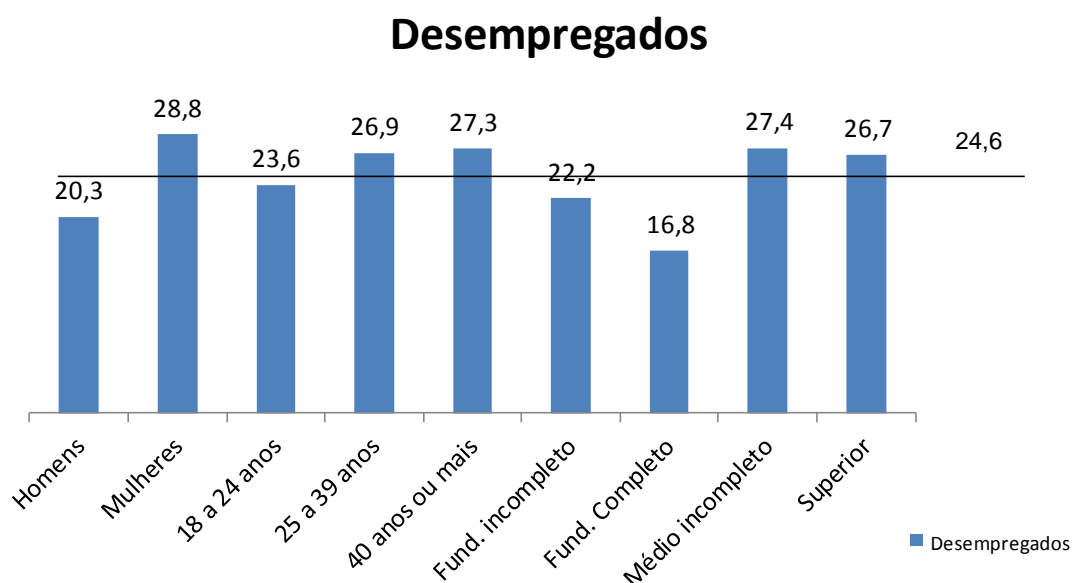
A pesquisadora Sonia Rocha (2019, s. p.) relatou que:

[...] para os jovens, ter alguma experiência de trabalho é mais importante que a escolaridade, Há evidências empíricas que, para os indivíduos de 15 a 24 anos, o mercado de trabalho valoriza mais a experiência que a escolaridade e um ano a mais de experiência aumenta em 20% a probabilidade do jovem estar ocupado, enquanto um ano a mais de escolaridade aumenta essa probabilidade em apenas 1%.

É bem possível que haja o crescimento da escolaridade, porém a postergação de entrada no mercado de trabalho, tenha significado no futuro, elevando as taxas de desemprego para a faixa etária com mais de 25 anos, significando que uma parcela dos não jovens terá mais dificuldades de inserção, relacionada à falta de experiência.

O gráfico abaixo apresenta o percentual de desempregados por gênero, idade e escolaridade, revelando que quem mais sofre com o desemprego são as mulheres, os indivíduos com mais de 40 anos e aqueles que possuem o Ensino Médio incompleto.

Gráfico 1 – Desempregados que buscaram emprego há 2 anos, ou mais, em 2019, por gênero, idade e escolaridade (Em %)



Fonte: LAMEIRAS, 2019

O gráfico 1 revela a parcela de desempregados, por dois anos, para um número variado; grupos que foram definidos pelas características individuais. De acordo com Lameiras et. al. (2019, p. 4),

Essa parcela é maior que a média nacional (representada pela barra horizontal) para mulheres, para adultos com mais de 40 anos de idade, e para indivíduos com nível educacional igual ou superior ao ensino médio completo. Entre esses grupos, chama atenção a parcela de 28,8% de mulheres desempregadas que estão nessa condição há pelo menos dois anos, vis-à-vis uma porcentagem análoga de 20,3% para os homens. Além da caracterização estática, é importante ter uma noção de como cresceu, nos grupos, a parcela de desempregados nessa condição há pelo menos dois anos. O crescimento dessa parcela no Brasil foi de 42,4% entre os primeiros trimestres de 2015 e 2019. O gráfico neste box revela que essa taxa de crescimento foi superada em larga escala pela registrada entre os homens (79,3%), e a registrada entre os jovens (56,6%).

No segundo semestre do ano de 2018, segundo pesquisa realizada pelo IBGE (LAMEIRAS et.al., 2019, p. 2), a taxa de desemprego entre os trabalhadores na faixa etária entre 18 e 24 anos foi o dobro da taxa da população geral. Esta última ficou em 12,4% no segundo trimestre; entre os jovens, esse percentual passou para 26,6%. A taxa revela ser maior o desemprego entre os jovens, devido às barreiras impostas pela falta de escolaridade e a falta de experiência profissional, o que leva as empresas a buscar quem já tem experiência devido ao alto custo para capacitação desses indivíduos.

Lameiras et. al. (2019, p. 3) declara que:

[...] os micro dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, mostra que, no primeiro trimestre de 2019, a proporção de desempregados há mais de dois anos era maior entre as mulheres (28,8%), entre os adultos com mais de 40 anos (27,3%) e entre os trabalhadores com ensino médio completo (27,4%). No caso dos trabalhadores mais jovens, esse resultado acaba por corroborar um cenário de emprego ainda mais adverso, que combina desemprego elevado (27,3%), baixo crescimento da ocupação (0,4%) e queda de rendimentos (0,8%).

A situação dos jovens e adultos, que estão à margem de risco do desemprego, inspira atenção, dadas as evidências disponíveis na literatura sobre o prejuízo que uma passagem pelo desemprego, no início da carreira profissional, traz para sua trajetória, mesmo a médio e longo prazo. O grau de escolaridade revela

que os trabalhadores com instrução mais baixa apresentam perdas significativas de desemprego, ao longo do primeiro trimestre de 2019. Os trabalhadores com Ensino Fundamental incompleto ou completo, recuo que se deu pelo fato da retratação da força de trabalho (LAMEIRAS et. al., 2019, p. 5).

Apesar da maior taxa de desemprego ser a dos trabalhadores com Ensino Médio incompleto, os micro dados de transição revela que a crise no mercado de trabalho, independente da escolaridade, gerou uma queda no percentual de desempregados que ocuparam as vagas dos que foram demitidos. Em contrapartida, do mesmo modo que os trabalhadores com Ensino Médio incompleto conseguem obter uma chance no mercado de trabalho, eles têm a maior probabilidade de serem dispensados pelo baixo nível de escolaridade ou pela ausência de qualificação profissional (LAMEIRAS et. al., 2019, p.5).

Em busca de trazer respostas ao problema desta pesquisa, verifica-se, nos estudos levantados, o que se constata na prática social concreta: as trajetórias percorridas pelos jovens da EJA, para encontrar uma vaga de trabalho com apenas o Ensino Médio tem sido de grande dificuldade. Conforme a fala de Limeira, no parágrafo acima, a ausência de qualificação profissional, ou a baixa escolaridade, é, de fato, preponderante para essa classe de trabalhadores, que tenta se colocar diariamente no mercado de trabalho.

3 METODOLOGIA

Este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos adotados para a elaboração da presente pesquisa, levando em consideração o contexto, o tipo de pesquisa, os procedimentos, os instrumentos e a análise dos dados coletados.

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos exigiram o contato próximo com os sujeitos, no contexto em que o fenômeno acontece. Também foi reconhecida a relatividade da análise dos fatos para comprovação do estudo apresentado.

O estudo de caso, como pesquisa descritiva, está embasado em Yin (2001, p. 33) que relata a sua importância, explicando que, este, procura esclarecer sobre uma ou um conjunto de decisões, debatendo as razões que levaram as tomadas de decisões, como estas foram implantadas e quais resultados foram alcançados.

Levou-se em consideração o envolvimento direto da pesquisadora com a pesquisa, visto que foi realizada no ambiente profissional (sala de aula), e o desejo de colaborar com o crescimento dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, motivando-os a buscar, a cada dia mais seu aprimoramento intelectual e profissional, para que, no futuro, possam ter qualificação de forma que possam alcançar vagas no mercado de trabalho.

Ao discutir o estudo de caso como estratégia de pesquisa, Yin (2001, p. 33) relata que se deve compreendê-lo como:

[...] um método que abrange tudo - com a lógica de planejamento incorporando abordagens específicas à coleta de dados e à análise de dados. Nesse sentido, o estudo de caso não é nem uma tática para a coleta de dados nem meramente uma característica do planejamento em si, mas uma estratégia de pesquisa abrangente (YIN, 2001, p. 33).

Se for comparar o estudo de caso, às outras estratégias de pesquisa, tem-se que ele “[...] representa também uma maneira de se investigar um tópico empírico seguindo-se um conjunto de procedimentos pré-especificados” (YIN, 2001, p. 36). Um dos principais motivos pelos quais a presente pesquisa foi assumida como o estudo de caso, assenta-se no fato de ser uma investigação que busca compreender

os processos em que os jovens da EJA se apropriam dos conhecimentos para utilizá-los no mercado de trabalho.

No decorrer do estudo foram adotados os seguintes procedimentos: elaboração do projeto de pesquisa; levantamento bibliográfico para elaboração da fundamentação teórica; estudo de caso por meio de aplicação de atividades.

[...] nos estudos de caso podem incluir, e mesmo ser limitados às evidências quantitativas. Na verdade, o contraste entre evidências quantitativas e qualitativas não diferencia as várias estratégias de pesquisa. Observe que, como exemplos análogos, alguns experimentos têm como base evidências qualitativas, e não quantitativas. Da mesma maneira, a pesquisa histórica pode incluir enormes quantidades de evidências quantitativas (YIN, 2001, p. 33).

Para Yin (2001, p. 33) “[...] a estratégia de estudo de caso não deve ser confundida com "pesquisa qualitativa", devido algumas pesquisas qualitativas seguirem métodos etnográficos”. O estudo de caso pode ser:

[...] descritivo, explanatório e exploratório, tendo suas características classificadas em: especificidades, pluralidade, contemporaneidade e análise intensiva. [...] Outra característica do estudo de caso é a variação de análise que pode vir a existir na pesquisa, sendo que o pesquisador poderá optar pela análise de um caso único ou múltiplo (YIN, 2001, p. 39).

Considerando as teorias apresentadas, esta pesquisa é classificada como estudo de caso descritivo, com um quantitativo de 30 (trinta) estudantes da EJA, sendo 15 (quinze) do 2º ano e 15 (quinze) do 3º ano do Ensino Médio da EJA.

O estudo de caso é um método específico de pesquisa de campo. Os estudos de campo são investigações dos fenômenos exatamente como eles ocorrem, sem qualquer intervenção significativa do pesquisador. O estudo de caso refere-se a uma análise detalhada de um caso específico, supondo que é possível o conhecimento de um fenômeno a partir do estudo minucioso de um único caso (YIN, 2001, p. 41).

A pesquisa de campo aconteceu na Escola de Ensino Fundamental e Médio Ana Lopes Balestreiro, momento em que se utilizou a dialogicidade para compreender os motivos que levam os sujeitos da EJA a retornar para a sala de aula. Para Freire (2016, p. 69), “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

A dialogicidade é o cerne da educação como prática da liberdade. Para Freire, o diálogo é analisado como um fenômeno humano,

[...] se nos revela como algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também seus elementos constitutivos (FREIRE, 2019, p.89).

Com o objetivo de garantir a qualidade e veracidade das informações, adotaram-se entrevistas para produzir os dados. Esse esboço de pesquisa focou nos momentos como um todo, procurando apresentar suas diferentes dimensões, levando em consideração o olhar da pesquisadora, da mesma forma as opiniões contraditórias que surgiram nos diversos momentos da coleta de dados, para compreender as percepções dos sujeitos pesquisados.

A flexibilidade que caracteriza o estudo de caso permitiu diversificar os procedimentos durante a coleta de dados, pois conforme o desenrolar do estudo e a produção dos dados, adequamos os procedimentos a fim de obter um envolvimento mais aprofundado dos sujeitos da EJA e das informações coletadas.

A princípio, a pesquisa intencionava fazer questionários observando a realidade, entretanto, no decorrer da elaboração do projeto e a aproximação com o campo de pesquisa, foi considerado mais apropriado o delineamento seguindo os pressupostos do estudo de caso, referindo-se a vários sujeitos. Conforme Gil (2009, apud CORRÊA, 2017, p. 61), no “[...] estudo de caso o fenômeno ocorre no momento da pesquisa. Esse fenômeno foi estudado como um todo, dentro do seu contexto, buscando-se profundidade na obtenção dos dados”.

Os dados coletados na pesquisa são efetivamente descritivos e foram produzidos por meio da coleta delineada pelas informações, empregando as técnicas da entrevista. Este procedimento foi possível pelo fato de a pesquisadora atuar na sala de aula, espaço da mesma instituição onde os sujeitos da pesquisa permanecem, no noturno, e onde a pesquisa aconteceu. Foram momentos enriquecedores, que permitiram uma maior aproximação com o sujeito principal da pesquisa e da realidade que seria investigada por meio das entrevistas escritas.

A entrevista ocorreu de maneira informal, porém estruturada para que os sujeitos da pesquisa pudessem revelar mais sobre suas histórias de vida, trajetória escolar e as perspectivas de trabalho, seu relacionamento com os colegas e com a família, bem como com a professora. Foram relatos valiosos registrados por escrito

que são apresentados no capítulo 4 - Descrição e análise dos dados, para a elaboração da metodologia a ser aplicada no decorrer da pesquisa com o objetivo de facilitar o conhecimento da pesquisadora. Gil (2012, citado por CORRÊA, 2017, p. 63) aponta que essa entrevista é a mais adequada a esse tipo de delineamento, pois permite que o entrevistado se expresse mais livremente.

Na entrevista informal, que é menos estruturada e se delinea por meio da conversação, a pesquisadora teve como objetivo coletar mais dados que constasse se a metodologia estava favorecendo ou não a pesquisa.

As entrevistas aconteceram em sala de aula numa roda de conversa, e foram de grande avanço para a pesquisa, pois diante dessas informações, pode-se afirmar o que as revisões bibliográficas apresentaram em relação à situação na busca de vagas no mercado de trabalho para esses jovens da EJA. Foram recursos que serviram de aporte para a análise dos dados.

3.2 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ana Lopes Balestreiro, que fica localizada em Flexal I, da periferia de Cariacica – ES. Trata-se de um bairro dominado pelo tráfico de drogas, e de alta periculosidade. A unidade de ensino está vinculada ao Governo do Estado do Espírito Santo. Foi criada no ano de 1982, e em 2014 inauguraram a nova sede, tendo seu espaço físico adaptado para alunos com necessidades educativas especiais, com laboratórios modernos, biblioteca com diversos títulos, além dos espaços da administração, que estão equipados com novas tecnologias.

Os bens e imóveis adquiridos estão patrimoniados pelo Governo do Estado do Espírito Santo e seus recursos financeiros são provenientes de verbas públicas estadual e/ou federal.

Os docentes são efetivos pelo Governo do Estado do Espírito Santo, além desses, os contratados em Designação Temporária. Todos com qualificação profissional nas respectivas áreas.

A filosofia educacional da unidade de ensino está centrada no resgate dos valores fundamentais, desenvolvendo critérios humanísticos que respeitam a dignidade dos jovens e, conseqüentemente, são preparados para o exercício da cidadania e do trabalho.

Mediante a localização da unidade de ensino se localizar na periferia do município de Cariacica – ES com grande incidência de casos de violência, muitos alunos que a frequentam são vítimas, ou mesmo agressores, no mundo de onde são oriundos. Diante desta realidade, a escola dirige-se à formação de valores, no sentido de preencher as lacunas na vida diária destes alunos.

A escola tem como missão garantir a todos os estudantes da região onde está inserida uma educação pública de qualidade, capaz de promover transformação social e desenvolvimento local equilibrado.

A visão da escola é ser reconhecida pela melhoria dos indicadores de acesso e qualidade do ensino-aprendizagem como resultado de uma gestão pedagógica e administrativa transformadora, baseada nos princípios e competências do século XXI, consolidando-se como escola referência na oferta de educação básica na região onde se insere.

Sua clientela é caracterizada pela diversidade de raça, perfil sócio econômico, cultural, etc., uma vez que a unidade atende alunos advindos de comunidade carente.

Para atender ao Ensino Médio no turno noturno, esta diversidade aumenta, visto que nesse horário predominam alunos trabalhadores. Eles trabalham durante o dia e estudam a noite. A escola está sempre atenta a esta característica e busca encontrar formas de estudo e avaliações para que não sofram prejuízos acadêmicos.

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa são 30 (trinta) jovens e adultos estudantes da EJA, sendo 15 (quinze) do 2º ano e 15 (quinze) do 3º ano. São jovens advindos da periferia, que residem em bairros de área de risco e alta periculosidade, onde o tráfico de drogas e automóveis é intenso, convivem diariamente com a violência sendo vítimas ou agressores do mundo em que estão inseridos. São bairros formados por meio da invasão, sendo, muitos, nascidos na Bahia, Rio de Janeiro, Ceará e Pernambuco. A clientela atendida é proveniente de bairros sem infraestrutura, ruas ainda para asfaltar, sem rede de esgoto, sendo que a maioria faz fossa ou joga na rua. Vive em extrema pobreza. Os moradores possuem culturas e tradições diferentes dos capixabas, tendo um conceito de família diferente das tradicionais. São pessoas carentes de pai e mãe que abandonaram tudo e vieram

tentar a sorte, mas, infelizmente, falta a escolarização e a qualificação, vivendo dos subempregos, o que os leva a diferentes tipos de atitudes ilegais e marginais, pois, assim, o dinheiro chega mais fácil em suas mãos. Entretanto, nem todos têm esse pensamento, há os que querem vencer com honestidade e de forma correta. Passam fome e a única refeição é a que a escola oferece à noite, no horário de intervalo das aulas.

Muitos são usuários de álcool e de drogas (basicamente, maconha e cocaína) e, além disso, traficam-nas. Em alguns momentos, aparecem na escola sob o efeito de alucinógenos ou alcoolizados e nada produzem. Vão apenas para fazer a refeição e para vender as drogas, ou negociarem com os donos dos postos de venda.

A maioria dos jovens e adultos estão cursando o Ensino Fundamental e Médio da Educação de Jovens e Adultos devido a uma série de situações, como: repetência, evasão, abandono e desemprego. Boa parte destes estão em busca de um lugar no mercado de trabalho e não conseguem a oportunidade por falta de qualificação, sendo reprovados na primeira entrevista ou até mesmo nem sendo convocados para fazê-la.

Dos 30 jovens e adultos investigados, 50% são homens e 50% são mulheres, sendo 60% casados, 60% são mantenedores de lar e 80% tiveram que sair da escola pela necessidade de trabalhar, 60% residem no bairro onde moram e trabalham, 20% necessitam de transporte coletivo para trabalhar e estudar, e 20% vão a pé ou de bicicleta para a escola. Entretanto, o Estado oferta um transporte escolar (ônibus) para levar e buscar àqueles que moram muito afastados e não trabalham.

Mediante tal realidade, foi elaborado um roteiro de perguntas (APÊNDICE A) para serem feitas por meio de entrevistas e observações com os alunos. As entrevistas foram individuais, para que pudesse fazer os registros e elaborar a descrição e análise dos dados coletados.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, são descritos e analisados os dados obtidos nas entrevistas ocorridas nos espaços formais, em sala de aula. Importante ressaltar a existência de fatores limitadores para coletar os dados devido às ausências dos sujeitos da pesquisa, uma vez que as faltas, às aulas, são um fato constante na EJA.

Segundo Gil (2002, p.117):

A entrevista é técnica de interrogação mais flexível, e que se caracteriza como informal quando é uma simples conversação focalizada com o tema específico, parcialmente estruturado, guiado parcialmente pelo entrevistador e totalmente estruturado, onde segue a ordem de um questionário de um questionário bem estruturado, com o objetivo de conhecer ou medir; opiniões, interesses, crenças, sentimentos, expectativas, aspectos de personalidade, informações biográficas e situações vivenciadas.

Inicialmente, os encontros com a turma foram nos momentos em que era possível contar com a maioria dos alunos da EJA na sala de aula, para que fosse possível ter um número expressivo de respostas ao roteiro de perguntas.

No primeiro momento, foi explicada a satisfação em poder contar com o apoio de todos. A equipe escolar se prontificou em ajudar, porém o cansaço falava mais alto e muitos se ausentavam nas aulas em que estava programado para iniciar as entrevistas. Embora tentasse transparecer que havia motivação, era perceptível que o desinteresse deles era grande.

Era preciso ter esses momentos com os alunos. Foi preparado uma aula sobre escolarização e a importância desta para o mercado de trabalho. Sabe-se que a escola passou por diversas transformações no decorrer da história e só após a Revolução Industrial é que houve a ampliação dos sistemas escolares o que gerou uma relação direta com a economia.

A centralidade do trabalho mostra o modo como o homem alcança a realidade e a modifica. Para Saviani (2019, p. 19), a educação é o resultado do fenômeno humano, “[...] ao mesmo tempo, uma exigência do e para o processo de trabalho, bem como é, ela própria um processo de trabalho”.

Após o diálogo, foi decidida a elaboração de um guia informativo sobre comportamentos antes e durante as entrevistas para aqueles que vão em busca do

primeiro emprego. O guia contém ilustrações feitas pelos alunos, orientações de como se vestir, se apresentar durante a entrevista, o comportamento, e uma lista de profissões que poderiam almejar. Terá depoimento de três alunos relatando como conseguiram encontrar o emprego. Foi combinado iniciar pelas entrevistas individuais.

No decorrer das 30 entrevistas, foram coletadas as informações que levaram a compreender que independente da situação socioeconômica de cada estudante da EJA, os sonhos e projetos, em sua maioria, são basicamente os mesmos. O ideal de vida sempre se volta para ter um emprego e ganhar um pouco mais que um salário mínimo.

Os mais sonhadores desejam fazer um curso técnico para ter um emprego melhor, ou até mesmo chegar ao curso superior, e se colocar em condição mais favorável que os outros.

Esta investigação buscou compreender o objeto de percepção, dando significado aos anseios dos jovens e adultos da EJA frente à carreira profissional e a vaga no mercado de trabalho.

No decorrer das entrevistas, buscou-se “[...] explicar o comportamento humano, o saber, as ideias, as organizações sociais para encontrar seu aperfeiçoamento e não para simplesmente constatar um fato sem influir sobre ele” (TRIVINOS, 1987, citado por RAGGI, 2013, p. 167). Nesse sentido, as informações apresentadas, a seguir, apenas fortalecem os resultados dos dados objetivos encontrados nas literaturas. Dos 30 (trinta) sujeitos da EJA, 50% estão na faixa etária entre 30 a 60 anos, sentem dificuldades em encontrar uma vaga no mercado de trabalho devido à idade avançada, associada à baixa escolaridade, fator que dificulta a qualificação. Essa situação se consubstancia em motivações que os impulsionaram a voltar para a escola. Os 50% restantes, com idades entre 18 e 30 anos, apontaram o alcoolismo, o fumo e a falta de escolarização como fatores mais impeditivos para obter um lugar no mercado de trabalho.

Dos 30 sujeitos investigados, apresenta-se, aqui, a trajetória narrada por 5 (cinco) homens e 5 (cinco) mulheres. Essa amostra representa 33,33% desta população.

O senhor Reinald¹ tem 58 anos de idade e encontra-se fora da escola há 40

¹ Todos os nomes dos alunos pesquisados são fictícios.

anos. Hoje cursa o 2º ano do Ensino Médio da EJA. Saiu da escola para trabalhar, casou e nunca mais estudou e agora quer “melhorar de vida e passar em um concurso”. Ele é pedreiro, mora em casa própria, construída por si mesmo, com materiais das casas que reformava. O terreno onde a construiu foi obtido por meio de “invasão”, onde, inicialmente, morou em uma “barraca” de lona por cerca de 5 anos. Ali nasceu o seu primeiro filho. Sua “residência” possuía apenas um cômodo, sem banheiro e sem água. Vivia de favores e comia sobras das marmitas dos colegas, quando conseguia. A refeição habitual da família era constituída de pão, pois era o que “dava para comprar” a fim de que sobrasse dinheiro para terminar de construir a casa. Com a chegada do primeiro filho, viu-se “na correria para melhorar de vida”. Além de pedreiro, capinava os quintais para “ganhar um troco”, ou fazia frete com o carrinho de mão que usava para trabalhar. Sr. Reinald sonha em estudar e conseguir passar em um concurso.

Pesquisadora: Reinald o que te levou a voltar para a escola?

Reinald: A vontade de completar o básico e estar preparado para fazer um concurso e melhorar de vida e a facilidade de vir para a escola que é próxima a casa da gente.

Pesquisadora: Quanto tempo você ficou fora da escola?

Reinald: Fiquei sem estudar quase 40 anos.

Pesquisadora: Vc acredita que com o estudo terá mais chance de conquistar o mercado de trabalho?

Reinald: Com certeza. Hoje precisa estar antenado e ter pelo menos o ensino fundamental, pois só com ele para conquistar alguma coisa pro futuro.

Pesquisadora: Quais fatores você percebe que impedem os jovens de obter um lugar no mercado de trabalho?

Reinald: Qualificação,

Pesquisadora: Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou na hora de ser selecionado para uma vaga no mercado de trabalho?

Reinald: Os estudos e a qualificação.

As manifestações de Reinald revelam que, na maioria das vezes, o abandono escolar acontece devido à necessidade de trabalhar, mas no futuro, tem consequências graves. As dificuldades para se colocar no mercado de trabalho vão revelando o quanto a escolarização é necessária.

A segunda aluna entrevistada cursa o 3º ano do Ensino Médio. Ana Clara tem 36 anos, é separada e mãe de dois adolescentes. Sonha em ter um emprego, pois seu marido a abandonou e precisa “dar conta de alimentar e criar sua família”.

Ela veio de Pernambuco para trabalhar como doméstica, em casas de família, mas foi escravizada e não recebia qualquer salário. Trabalhava a troco de comida e moradia. Um dia “tomou coragem e foi embora”, para tentar a sorte com outra família que a acolheu. Como não tinha residência, precisava morar onde trabalhava, ou seja, na casa dos patrões. Como esta família efetuava seu pagamento, foi guardando e economizou o suficiente para “comprar uma casinha, uma quitinete, mas era sua”. Aos poucos foi aumentando e transformando em uma casa maior. Depois de algum tempo, tornou-se faxineira, cuja atividade foi mais lucrativa. Nesse período, conheceu o marido, com quem “se amasiou” e teve um casal de filhos. Porém, sua união durou pouco, pois “ele bebia e era mulherengo”. Após várias traições, Ana “o mandou embora” e passou a criar os dois filhos sozinha.

Pesquisadora: Ana, o que te levou a voltar para a escola?

Ana Clara: A vontade de me preparar melhor para arranjar um emprego.

Pesquisadora: Quanto tempo você ficou fora da escola?

Ana Clara: Fiquei sem estudar uns 20 anos.

Pesquisadora: Vc acredita que com o estudo terá mais chance de conquistar o mercado de trabalho?

Ana Clara: Eu tenho certeza. Hoje a gente precisa pelo menos saber um pouco de informática e saber atender um telefonema.

Pesquisadora: Quais fatores você percebe que impedem os jovens de obter um lugar no mercado de trabalho?

Ana Clara: Ter uma formação profissional.

Pesquisadora: Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou na hora de ser selecionado para uma vaga no mercado de trabalho?

Ana Clara: Saber informática e não ter uma qualificação.

O desejo de Ana é ser atendente de telemarketing ou de consultórios, não almeja nível superior, apenas um curso técnico.

Para Maria do Socorro, de 45 anos, estudante do 3º ano do Ensino Médio, casada e mãe de 4 filhos, a vida já foi mais generosa. Cresceu no interior da Bahia e morava na fazenda dos patrões de seu pai, que era vaqueiro. Assim, teve bastante contato com as famílias dos fazendeiros da região. Aprendeu a cozinhar, costurar e a fazer pão. Ajudava sua mãe a fabricar e vender, nas fazendas, os pães e as toalhas de prato que faziam. Conheceu seu Argemiro, vaqueiro em uma fazenda vizinha. Casaram e vieram para o Espírito Santo. Deixaram as famílias de origem e tinham sonhos e planos, mas a vida não foi tão fácil. Ele foi trabalhar como auxiliar de pedreiro para aprender a construir e ela teve que lavar roupas. Nas horas vagas, fazia pão e vendia para as patroas. Como havia “guardado um dinheiro”, puderam

comprar um lote e construir uma pequena casa, onde formaram a família e melhoraram “um pouco de vida”. Hoje Sr. Argemiro, com 50 anos, está estudando no 3º ano do Ensino Médio, na mesma escola que Maria do Socorro.

Pesquisadora: D. Maria e Sr. Argemiro, o que levou vocês a voltarem para a escola?

Maria do Socorro: A vontade de aprender para conseguir um emprego.

Argemiro: Eu voltei para conseguir arranjar um emprego de carteira assinada e conseguir me aposentar.

Pesquisadora: Quanto tempo você ficou fora da escola?

Maria do Socorro: Fiquei sem estudar uns 20 anos, quando me casei.

Argemiro: Nunca estudei. Só trabalhei.

Pesquisadora: Vc acredita que com o estudo terá mais chance de conquistar o mercado de trabalho?

Maria do Socorro: Eu tenho certeza. Posso ser costureira ou doceira em padarias.

Argemiro: Eu posso ser arrumador de prateleiras em supermercados.

Pesquisadora: Quais fatores você percebe que impedem os jovens de obter um lugar no mercado de trabalho?

Maria do Socorro: Preguiça de estudar para ter uma profissão.

Argemiro: OS jovens são mais cansados que a gente. Acho que muitos não têm interesse em aprender.

Pesquisadora: Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou na hora de ser selecionado para uma vaga no mercado de trabalho?

Maria do Socorro: Ainda não procurei emprego.

Argemiro: Nunca enfrentei esta situação. Estou ansioso.

Mauriceia é uma jovem de 26 anos, cheia de sonhos. Está no 2º ano do Ensino Médio e está “correndo atrás” do que almeja. Mora com os pais, em casa alugada, e mais dois irmãos. Seu pai e sua mãe são trabalhadores assalariados e ela “toma conta” da casa e dos irmãos. Faz bordados à mão (marca) e vende na escola. Está aprendendo informática. Deseja se formar em Administração de Empresas e está se preparando para isso. Com o dinheiro recebido pelos bordados paga esse curso. Gosta de ir à escola e de bicicleta.

Pesquisadora: Mauriceia, o que te levou a voltar para a escola?

Mauriceia: A vontade de fazer um curso superior.

Pesquisadora: Quanto tempo você ficou fora da escola?

Mauriceia: Fiquei treze anos, porque estava tomando conta dos meus irmãos, para minha mãe trabalhar.

Pesquisadora: Vc acredita que com o estudo terá mais chance de conquistar o mercado de trabalho?

Mauriceia: Eu tenho certeza, mas sei que a concorrência é grande.

Pesquisadora: Quais fatores você percebe que impedem os jovens de obter um lugar no mercado de trabalho?

Mauriceia: Qualificação professora. Eles não querem aprender nada. Querem facilidade.

Pesquisadora: Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou na hora de ser selecionado para uma vaga no mercado de trabalho?

Mauriceia: Ainda não pude tentar um emprego. Não tenho formação e não pude trabalhar.

Leurino é um jovem de 28 anos, está cursando o 2º ano do Ensino Médio e trabalha como embalador em um supermercado perto da escola. Não tem formação e voltou a estudar porque quer fazer um curso Técnico em Eletrotécnica. Deseja montar uma oficina para consertos de aparelhos elétricos. Ficou fora da escola por 14 anos, quando foi menor aprendiz e a loja o contratou. Por esse emprego, abandonou os estudos. Agora quer melhorar. Teve que trabalhar para ajudar sua mãe, porque seu pai “bebia muito” e perdia os empregos. Devido ao uso abusivo de álcool, acabou morrendo e deixando a família completamente sem dinheiro para sobreviver. A pensão, um salário mínimo, era usada para alimentar um adulto e seis crianças de 5 a 14 anos. onde era o mais velho. Para aumentar a renda doméstica, sua mãe trabalha como lavadeira de roupas para outras famílias locais. Contudo, esse ofício lhe provocava “muitas dores nos braços”.

Pesquisadora: O que te levou a voltar para a escola?

Leurino: Quero me qualificar em técnico.

Pesquisadora: Quanto tempo você ficou fora da escola?

Leurino: Fiquei quatorze anos, porque estava só trabalhando para ajudar minha mãe a cuidar dos meus irmãos.

Pesquisadora: Vc acredita que com o estudo terá mais chance de conquistar o mercado de trabalho?

Leurino: Eu quero abrir minha oficina de eletrônica.

Pesquisadora: Quais fatores você percebe que impedem os jovens de obter um lugar no mercado de trabalho?

Leurino: Qualificação professora.

Pesquisadora: Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou na hora de ser selecionado para uma vaga no mercado de trabalho?

Leurino: Entrei como menor aprendiz e depois fui contratado pela empresa

Cremilda também enfrentou muitas dificuldades na vida. Tem 32 anos e está no 3º ano do Ensino Médio. Casou aos 15 anos e foi espancada pelo marido durante cinco anos. Essa violência só cessou com sua morte, pois ele foi assassinado “com uma facada”. Era muito “brigão e bebia demais”. Aos 20 anos era viúva e voltou para a casa dos pais, no interior do Espírito Santo. Aos 30 anos, casou-se novamente e voltou para Cariacica. Dos 20 aos 30 anos trabalhou numa loja de tecidos em João

Neiva, após o casamento “veio embora” com o marido. Ele trabalha como encarregado e ela é dona de casa. Voltou a estudar porque quer fazer um curso de doceira e trabalhar em uma padaria. Ainda não tem filhos, mas pretende “ter pelo menos um”. Ainda tem medo de casamento e não pretende sofrer de novo, embora seu marido seja um homem sem vícios, muito trabalhador e carinhoso com ela.

Pesquisadora: O que te levou a voltar para a escola?

Cremilda: Quero fazer um curso de doceira para trabalhar em padarias.

Pesquisadora: Quanto tempo você ficou fora da escola?

Cremilda: Fiquei quinze anos, porque casei, enxivuei e fui morar e trabalhar no interior

Pesquisadora: Vc acredita que com o estudo terá mais chance de conquistar o mercado de trabalho?

Cremilda: Sim. E quero trabalhar como doceira.

Pesquisadora: Quais fatores você percebe que impedem os jovens de obter um lugar no mercado de trabalho?

Cremilda: Estudar e ter uma profissão.

Pesquisadora: Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou na hora de ser selecionado para uma vaga no mercado de trabalho?

Cremilda: Enfrentei uma fila gigantesca, mas foi minha simpatia que fez com que conseguisse a vaga, pois não tinha estudos, só estudei até o 8º ano e larguei para casar.

Sr. José Raimundo tem 50 anos, é marceneiro e trabalha numa fábrica de móveis. Estuda o 3º ano do Ensino Médio. Kursou o “jardim de infância” (Educação Infantil), “primário e o ginásio”. Contudo, teve que “largar tudo para trabalhar, porque sua mãe estava doente e precisava pagar alguém para ajudar a cuidar da casa e dela”. Não fez nenhum curso, aprendeu olhando os marceneiros da fábrica, durante seus afazeres, e “tentou fazer igual”. Deu certo e conseguiu uma profissão. Casou, construiu sua casa, teve três filhos, e hoje todos trabalham. A esposa cuida da casa. Resolveu estudar para entender melhor os projetos que os arquitetos levam para ele fazer.

Pesquisadora: O que te levou a voltar para a escola?

José Raimundo: Quero entender melhor os projetos.

Pesquisadora: Quanto tempo você ficou fora da escola?

José Raimundo: Fiquei trinta e cinco anos, porque casei, e fui trabalhar.

Pesquisadora: Vc acredita que com o estudo terá mais chance de conquistar o mercado de trabalho?

José Raimundo: Sim.

Pesquisadora: Quais fatores você percebe que impedem os jovens de obter um lugar no mercado de trabalho?

José Raimundo: As farras, as bebidas e as drogas.

Pesquisadora: Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou na hora de ser selecionado para uma vaga no mercado de trabalho?

José Raimundo: Não precisei enfrentar nada. Entrei como ajudante e lá fiquei.

Sr. José Raimundo foi feliz na sua escolha. Logo se posicionou na empresa, porque foi responsável e inteligente. Aprendeu “olhando o outro fazer. Isso fez com que gostasse da profissão e quisesse melhorar”.

Beraldina tem 42 anos, é uma mulher muito sozinha. Casou, teve dois filhos, que se casaram e foram “embora”. Há um ano, ficou viúva. Sente muita falta de todos, “mas tem que viver aqui, por ter os vizinhos que a conhecem”. Não tem pais e nem irmãos. Voltou a estudar depois de ter abandonado a escola há 30 anos. Trabalha como artesã numa Ong e ajuda a igreja como voluntária. Vive da pensão do falecido marido (um salário mínimo) e dos seus trabalhos, pois a Ong a paga por produção. Costura em casa e faz tapetes para vender. Relata que “trabalha sem parar para não sentir a saudade, mas na hora que vai dormir lembra-se de todos da família”. Tem uma casinha confortável e seus filhos só vêm nas férias para visitá-la, mas mantem contato com eles pelo telefone.

Pesquisadora: O que te levou a voltar para a escola?

Beraldina: Ocupar meu tempo, professora!

Pesquisadora: Quanto tempo você ficou fora da escola?

Beraldina: Estou fora da escola tem 30 anos.

Pesquisadora: Vc acredita que com o estudo terá mais chance de conquistar o mercado de trabalho?

Beraldina: Eu não quero conquistar nada. Estou estudando para passar. Meu tempo e poder ajudar as crianças do bairro a fazer os deveres

Pesquisadora: Quais fatores você percebe que impedem os jovens de obter um lugar no mercado de trabalho?

Beraldina: Eles querem vida fácil.

Pesquisadora: Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou na hora de ser selecionado para uma vaga no mercado de trabalho?

Beraldina: Nunca passei por isto.

A solidão de Beraldina preocupa, porque pode ser um sintoma da depressão. “Que bom que estou estudando para dar a volta por cima e viver melhor”, revela a jovem senhora. A viuvez também aconteceu com Sr. José Leonidas, um servidor público aposentado, que ficou casado com D. Leila por 50 anos, quando ela veio a falecer de câncer no pulmão. A depressão o “derrubou”. Após 2 anos de tristeza, os filhos o convenceram a voltar a estudar, “para ler e compreender melhor o que lia”. E hoje já está no 2º ano do Ensino Médio e já ficou curado da doença. Mora sozinho,

mas passeia sempre visitando os filhos e netos “que tanto ama”. Tem uma condição de vida melhor, porque recebe sua aposentadoria e a pensão da falecida esposa. “Guarda o dinheiro e todo ano presenteia a família”. Mora perto da escola, portanto vai a pé. O bairro não é bom, mas sua casa é própria e foi construída por ele. Era gari e “aproveitava os lixos para vender e ganhar uns trocados a mais”. Criou seus filhos trabalhando como gari.

Pesquisadora: O que te levou a voltar para a escola?

José Leonidas: Quero ler e compreender melhor as coisas.

Pesquisadora: Quanto tempo você ficou fora da escola?

José Leonidas: Eu passei 30 anos fora da escola, e só voltei, porque estou viúvo e sozinho

Pesquisadora: Vc acredita que com o estudo terá mais chance de conquistar o mercado de trabalho?

José Leonidas: Com o estudo as pessoas podem ter uma vida melhor.

Pesquisadora: Quais fatores você percebe que impedem os jovens de obter um lugar no mercado de trabalho?

José Leonidas: Falta de estudo e de ter uma profissão.

Pesquisadora: Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou na hora de ser selecionado para uma vaga no mercado de trabalho?

José Leonidas: No meu tempo eram os políticos que arranjavam emprego. Tive que correr atrás de ajuda deles, e consegui.

As outras entrevistas foram sustentadas pelo diálogo que, no início, começou timidamente e depois os participantes se soltaram. A maior preocupação de todos eles foi não conseguir finalizar o Ensino Médio devido o cansaço e as dificuldades de compreender os conteúdos transmitidos pelos educadores.

De acordo com Santos (2013)

O desafio imposto para a EJA na atualidade se constitui em reconhecer o direito do jovem/adulto de ser sujeito; mudar radicalmente a maneira como a EJA é concebida e praticada; buscar novas metodologias, considerando os interesses dos jovens e adultos; pensar novas formas de EJA articuladas com o *mundo do trabalho*; investir seriamente na formação de educadores; e renovar o currículo – interdisciplinar e transversal, entre outras ações, de forma que esta passe a constituir um direito, e não um favor prestado em função da disposição dos governos, da sociedade ou dos empresários.

Tem-se que dos 30 (trinta) alunos entrevistados, 10 (dez) já pensaram em desistir da escola de novo, porém lembram que os estudos lhes darão a chance de ter um salário melhor. Dos 20 (vinte) alunos entrevistados, 15 (quinze) querem

seguir em frente e se realizar profissionalmente, e os outros 5 (cinco) é só para concluírem a escolarização.

Segundo Simões e Eiterer,

[...] o pensamento de Freire consolidou uma concepção de educação de jovens e adultos que recupera e valoriza os saberes dos educandos enquanto sujeitos sociais produtores de cultura. Além disso, ele elabora um método, materiais e estratégias para alfabetização de jovens e adultos no âmbito da educação popular. [...] Entretanto temos que observar que as contribuições de Freire voltam-se para a educação enquanto formação humana (citado por SOARES; GIOVANETTI; GOMES, 2005, p. 171).

A partir do segundo segmento do Ensino Fundamental da EJA, os maiores desafios vão sendo impostos à prática escolar, que são, pouco a pouco, revelados pelas dificuldades colocadas no período de adaptação, ou mesmo pelo uso de práticas curriculares, materiais e estratégias inapropriadas para a EJA. Tais recursos pedagógicos, muitas vezes, desconsideram as especificidades epistemológicas dos educandos e rejeitam os saberes acumulados durante a vida. Esse modelo pedagógico é um desafio a ser ultrapassado, uma vez que contribui para o abandono escolar. Assim, existe o risco de, mais uma vez, promover o distanciamento entre os alunos e a educação.

Os dados resultantes dessas entrevistas revelam que esses sujeitos são homens e mulheres da classe popular, residentes em um bairro da periferia do município de Cariacica, que tiveram dificuldades extremas para sobreviver e, devido à necessidade de trabalhar para criar os filhos e manter suas famílias, precisaram abandonar a escola, como única alternativa possível para aquele momento. Nesse sentido, Guimarães (2006, p. 171) defende que afinal,

[...] os ganhos do trabalho são o esteio da almejada autonomia ante o grupo familiar de origem, facultando a montagem do domicílio próprio e propiciando a independência material requerida para a constituição de família e descendência, outros sinais socialmente relevantes, em nossas culturas.

Sair da escola representava uma opção que traria prejuízos para seu futuro profissional, contudo não tinham escolhas, pois não dispunham de tempo e nem de

condições variadas para se manterem nos estudos. Muitas vezes, a escola se situava em locais de difícil acesso, ou não havia transporte. Contudo, o motivo mais relevante era trabalhar para sobreviver. Não se concebe estudar, quando não se tem as necessidades básicas mais imprescindíveis: existe a possibilidade da fome, condições insuficientes de moradia e falta de recursos para cuidar da saúde.

As trajetórias percorridas pelos sujeitos pesquisados refletem o que constatou Guimarães, ou seja, “[...] as condições em que se dão a transição entre escola e trabalho e, por consequência, o início da vida profissional, expressam os contextos históricos e as dinâmicas sociais em que se vive” (GUIMARÃES, 2006, p. 171).

No caso das mulheres, existe a falta de apoio da figura masculina, ou mesmo a violência doméstica que as obriga a serem as únicas mantenedoras da casa. Situação que inviabiliza qualquer possibilidade de estudo, ao menos até que os filhos cresçam.

A situação dessas pessoas é bastante crítica na conjuntura atual, pois os mercados de trabalho urbanos parecem ter sido montados em estruturas que ameaçam os trabalhadores jovens, reproduzindo a instabilidade dos empregos precários e a recorrência do desemprego (GUIMARÃES, 2006, p. 172).

Essa realidade confirma o estudo de Neri (2009), ao mencionar a demanda por trabalho e renda, em 27,7% dos jovens pesquisados, como causa do abandono escolar. Apesar da taxa de retorno ser bastante elevada, observamos, na escola pesquisada, um desconhecimento desses sujeitos sobre os benefícios obtidos por meio da educação. A pesquisa de Neri revelou que os efeitos da educação promovem 95% das melhoras obtidas em saúde dos trabalhadores. Afirma, ainda, que há um grande ganho privado a ser auferido para além do mundo do trabalho, a partir da decisão de estudar (NERI, 2009, p. 4).

Nesse contexto, ainda que existam dificuldades a serem vencidas para se inserirem no mercado de trabalho, os alunos, alvo deste estudo, retomaram sua trajetória educativa e, por isso, é possível vislumbrar, para eles, uma vida de mais qualidade.

No entanto, é bastante preocupante a situação dessas pessoas, em uma sociedade marcada pela perda significativa de direitos e de sentidos, em sintonia com o caráter destrutivo do capital vigente, pois, segundo Antunes e Alves (2004, p. 335),

[...] a classe trabalhadora no século XXI, em plena era da globalização, é mais fragmentada, mais heterogênea e ainda mais diversificada [...] O sistema de metabolismo, sob controle do capital, tornou o trabalho ainda mais precarizado, por meio das formas de subemprego, desemprego, intensificando os níveis de exploração para aqueles que trabalham.

Concordamos com as ideias desses autores ao defender que “[...] há um processo heterogêneo e complexo, quando se analisa a forma de ser da classe trabalhadora hoje”, relata Neri (2009, p. 20). São sujeitos que não têm noção do poder transformador da educação em suas vidas, diante das dificuldades em que vivem. Eles creem que são incapazes de aprender.

A pesquisa de Neri (2009, p. 20) indica que “[...] Grande parte da evidência empírica mostra que a evasão escolar e a pobreza estão intimamente relacionadas [...]”. Essa citação se relaciona, claramente, às entrevistas, pois muitos abandonaram seu processo de escolarização para trabalhar, mediante as necessidades familiares. Muitos foram obrigados a evadir devido à condição social de muita pobreza, a mudança de sua cidade natal para tentar a vida em outro local e/ou Estado, as relações familiares, a violência que permeia suas vidas e o local onde moram. Esses são fatores determinantes que revelam os motivos da evasão escolar da EJA.

As maiorias desses jovens e adultos que retornam para a escola vão com o objetivo de ter uma qualificação, por perceberem a necessidade desta para conseguirem uma chance no mercado de trabalho, fato que ficou explícito na pesquisa.

Os sujeitos pesquisados revelaram suas trajetórias, suas conquistas, seus percalços. São cidadãos que idealizam e, apesar das dificuldades enfrentadas, foram fortes e se mostraram com garra para ultrapassar a situação de pobreza. Mas é preciso que o Estado faça sua parte, devolvendo a dignidade que a escassez de condições materiais, impostas durante a vida, lhes retirou.

5 PRODUTO EDUCACIONAL

Uma das motivações que originou o desenvolvimento desta pesquisa foi esclarecer possíveis dúvidas no que se refere ao mercado de trabalho. Desta forma, elaborou-se alguns quesitos aplicáveis.

O Guia de Orientações Traz uma série de comportamentos e atitudes necessárias para a preparação dos sujeitos antes e durante as entrevistas que farão para conquistar uma vaga no mercado de trabalho. O guia contém ilustrações feitas pelos alunos, orientações de como se vestir, se apresentar durante a entrevista, o comportamento e uma lista de profissões que poderiam almejar. Tem depoimentos de três alunos relatando como conseguiram encontrar o emprego, aborda também as competências emocionais.

O produto educacional pode ser um aplicativo, um texto para o professor, um vídeo, uma estratégia didática, um guia, uma revista digital, um e-book, o uso do computador, do celular, etc., em sala de aula para ensinar. As opções são muitas, o importante é inovar, gerar um produto, usá-lo em situação real de sala de aula e relatar o que aconteceu.

Obviamente, que é necessário planejar a implementação do produto e registrar o que acontece. Mas não se trata de revisão da literatura, fundamentação teórica, metodologia de pesquisa, tal como se espera de uma dissertação acadêmica ou de uma tese de doutorado.

O Produto Educacional (Apêndice – Guia de Orientações) elaborado não foi fácil de ser construído. Ficamos muito tempo para chegarmos à conclusão deste. Muita ausência dos alunos fez com que ao retornarem fosse necessário dar continuidade ao conteúdo de sala para não perderem as oportunidades, mas com todas as dificuldades conseguiram terminar.

Diante das orientações o produto educacional simula uma série de comportamentos e atitudes necessárias para a preparação do sujeito antes e durante as entrevistas para conquistar uma vaga no mercado de trabalho.

O Produto Educacional é o resultado final dos estudos realizados para a elaboração da dissertação. O objetivo é torná-lo algo concreto que possa orientar os jovens da EJA

A elaboração desse guia foi realizada pelos alunos. Em cada detalhe, em cada item, nos desenhos, nas ilustrações coletadas pela internet, todo o processo foi feito no laboratório de informática e nos momentos de sala de aula. Foram pesquisas que os grupos iam fazendo e trazendo para a sala e, assim surgiu o guia como um Produto Educacional que, com certeza, irá auxiliá-los em suas jornadas na busca de um emprego.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos a este momento é impossível não repensarmos todo o processo vivenciado durante o percurso dos estudos, principalmente no momento de conclusão da pesquisa. Prevalence o sentimento de gratidão a todos os interlocutores que contribuíram conosco nessa caminhada. Podemos considerar, que o aluno que trabalha durante o dia e estuda à noite, por si só já é uma jornada cansativa. Portanto, trabalhar durante o dia e deixar à família todas as noites exige dos alunos muita força de vontade e persistência.

No entanto, é notório que o aluno da EJA precisa de um planejamento diferenciado e condizente com sua realidade cotidiana, mas, necessita de incentivo, carinho e respeito, para que possa deixar de ser mero expectador e passe a ser autor de sua própria história.

Mediante estudos realizados e dentre os resultados encontrados, evidenciamos que as dificuldades encontradas no que diz respeito à aprendizagem são mínimas, diante de tamanho empenho, tanto por parte do educando como do educador, que está sempre buscando a diversidade, não mede esforços, a fim de mantê-los em sala de aula.

A evasão escolar desde sempre é assunto em pauta em toda discussão que diz respeito ao ambiente escolar. Também é fato que ela sempre ocorreu e que continua a acontecer. Muitas são causas, difícil é evitá-la nas escolas por mais projetos que se possa desenvolver.

Sendo assim, aqueles que hoje frequentam uma sala da EJA, vem em busca da realização de um sonho, na expectativa de uma qualificação profissional. Enfim, consideramos que escola, família, comunidade, sociedade, bem como o Poder Público são co-responsáveis pela formação educacional de jovens e adultos. Acredita-se que a evasão escolar constitui uma negação desta formação. Desta maneira necessita-se buscar todos os meios e todas as ferramentas possíveis, afim, de sanar esse problema e garantir a todos o princípio da igualdade. Observa-se que o público adulto está inserido ou tentando se inserir no processo profissional. Noutras palavras, tentando garantir o emprego ou buscando alguma forma de trabalho que possibilite antes de tudo, a própria sobrevivência.

Nessa perspectiva, trazemos algumas possíveis considerações da trajetória de pesquisa, não como verdades acabadas, mas como pontos para reflexão. Algumas considerações poderão servir de ponto de partida para novos estudos e investigações.

Diante do que foi apresentado, é possível rever alguns aspectos da Educação de Jovens e Adultos, tais como o histórico da EJA e sua evolução, a juventude atual, além de constatar que essa modalidade é uma educação possível.

Ao longo dos anos, o avanço da tecnologia e da economia tem feito com que as pessoas sintam necessidade de retornar à sala de aula para aprimorar seus conhecimentos ou conseguir um diploma atestando uma escolarização mais elevada.

Hoje, a EJA é uma modalidade de ensino que pode transformar a vida de um indivíduo, e o fato de o educando atrasar para o ingresso na educação formal não é motivo para o não ingresso, mesmo que tardiamente, uma vez que ela é um processo contínuo.

A inserção vivenciada nas situações diárias do jovem e do adulto, no contexto social e profissional, admite o começo de uma relação dialógica com as novas informações disponibilizadas pela educação escolar. Existem diferenças de entendimento e de registro entre as pessoas sem escolaridade, e as que podem frequentar a escola.

Quando os alunos veem seus conhecimentos anteriores à escolarização, ou antes, a ela, uma ponte se cria para que a aprendizagem se torne cada vez mais significativa. Por outro lado, a escola deve zelar por essa relação, reconhecendo as habilidades cognitivas de seus alunos e proporcionando momentos de atuação sobre a construção do próprio conhecimento.

Para tanto, a educação escolar pode intervir na transformação futura do mundo, ressignificando por meio da reflexão informada sobre os valores da ética e do convívio social harmonioso. E os alunos, quando bem informados, podem realizar as suas melhores escolhas.

A partir da questão de investigação proposta e pautada na caracterização das trajetórias percorridas pelos jovens e adultos da EJA, para encontrar uma oportunidade no mercado de trabalho cursando apenas o Ensino Médio, buscou-se compreender a importância da preparação dos estudantes dessa modalidade de ensino.

No percurso da investigação sobre as trajetórias percorridas com os desafios e as dificuldades para buscar uma oportunidade no mercado de trabalho e a partir dos saberes construídos nesse caminho, decidimos elaborar um guia para que todos tivessem acesso às informações que são de grande valia e poderão colaborar para o momento tão esperado: a entrevista de emprego.

Além disso, percebeu-se que os jovens que frequentam o ensino da EJA já não estão mais tão preocupados em adquirir novos conhecimentos, mas sim em finalizar o Ensino Médio o mais rápido possível para poder competir no mercado de trabalho.

Alguns buscam a qualificação, por já entenderem que sem uma formação específica terão muitas dificuldades para se colocarem no mercado de trabalho, outros não estão preocupados em ter um curso, mas em finalizar o Ensino Médio e não mais frequentar da escola.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a navegação do trabalho. São Paulo: Bomtempo, 1999.

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n87/21460.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

BRASIL. INEP MEC. **Resultados finais do Censo Escolar de 2018**. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/resultados-e-resumos>>. Acesso em: 03 ago. 2019.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN n. 9.394/96**. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos. Alunas e alunos da EJA**. Brasília, 2006.

_____. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Organização das Nações Unidas (ONU). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Disponível em: <<http://www.presidencia.gov.br/sedh/>>. Acesso em: 02 mai. 2019.

CORRÊA, Gisély de Abrêu. **Apropriação do conceito de sistema de numeração decimal por uma criança com Síndrome de Down na perspectiva da teoria da formação planejada das ações mentais**. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática). Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, ES: 2017, 146 f.

CORREIA, Balbina Raquel de Brito; BALTAZAR, César Carlos; HOLANDA, Samuell Aquino. **Evolução histórica da organização do trabalho e sua influência sobre o emprego dos jovens no Brasil**. XXVI ENEGEP, Fortaleza: 2006. Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP2006_TR550371_7501.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2019.

CUNHA, Conceição Maria da. Introdução – discutindo conceitos básicos. In: **SEED-MEC Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos**. Brasília, 1999.

FONSECA, Solange Gomes da. **Uma viagem ao perfil e a identidade dos alunos e do professor da Educação de Jovens e Adultos (EJA)**. Pedagogia on line, 2010. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/new1_artigo.asp?entrID=1234#.VjNH_NKrTMz>. Acesso em: 07 set. 2019

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

_____. **Extensão ou comunicação?** 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, Atlas, 2012.

GUIMARÃES, Gilselene Garcia. GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin. **Revisitando as origens do termo juventude: a diversidade que caracteriza a identidade**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt20-4136-int.pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2019.

GUIMARÃES, Nádia Araújo. Trajetórias inseguras, autonomização incerta: os jovens e o trabalho em mercados sob intensas transições ocupacionais. In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: IPEA, 2006. p. 171-198.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2014.

LAMEIRAS, Maria Andrea Parente (et. al.). Mercado de Trabalho. Carta de Conjuntura. IPEA, n. 43. Segundo trimestre de 2019. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/190618_cc_43_mercado_de_trabalho.pdf>. Acesso em: 03 set. 2019.

NERI, Marcelo Côrtes (Org.) **O tempo de permanência na escola e as motivações dos sem-escola**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2009.

NOVAES, Regina Célia Reyes (Orgs.). **Política Nacional de Juventude: diretrizes e perspectivas**. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude, Fundação Friedrich Ebert, 2006.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. PAIVA, Jane (orgs.) **Educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

PATTO, Maria Helena de Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Editora Intermeios, 2015.

PORCARO, Rosa Cristina. **A história da educação de jovens e adultos no Brasil**. Disponível em <<http://www.dpe.ufv.br/nead/docs/ejaBrasil.doc>> Acesso em 01 jun. 2019.

RAGGI, Désirée Gonçalves et. al. As percepções dos professores da educação profissional que atuam no Proeja: uma abordagem reflexiva para além da formação técnica. In: **Revista Expressão Católica**, v.2, n.1, Jan./Jun. 2013.

ROCHA, Sonia. **A inserção dos jovens no mercado de trabalho**. Cad. CRH, v. 21, n. 54, Salvador, Set./Dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792008000300009>. Acesso em: 05 ago. 2019.

SANTOS, Anselmo Luis dos Santos; GIMENEZ, Denis Maraci. Inserção dos jovens no mercado de trabalho. In: **Estudos Avançados** Estud. vol.29. n..85. Set./Dec.

São Paulo: 2015. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142015000300011>. Acesso em: 01 mai. 2019.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico Crítica: Primeiras aproximações**. Campinas, SP: Cortez/Autores Associados, 2019.

SILVA, Roselani Sodré da. SILVA, Vini Rabassa da. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. In: **Cad. CRH**, v. 24 n. 63, Salvador, Set./Dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792011000300013>. Acesso em: 30 jul. 2019.

SOARES, Leôncio José Gomes. A educa o de jovens e adultos: momentos históricos e desafios atuais. **Revista Presença Pedagógica**, v. 2, n. 11, Dimensão, set./out. 1996.

SOARES, Leôncio. GIOVANETTI, Maria Am lia Gomes de Castro. GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Diálogos na educa o de jovens e adultos**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUZA, Carmem Zeli Vargas Gil. Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites. In: ** ltima década**. v.12, n. 20, Santiago, jun. 2004. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22362004000100003>. Acesso em: 13 ago. 2019.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: Planejamento e Métodos**. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

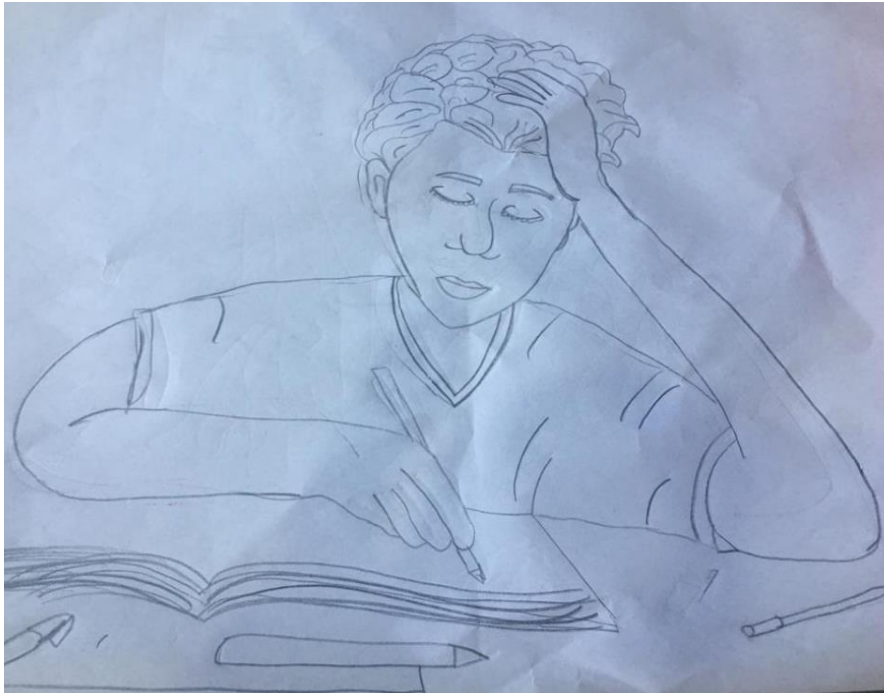
APÊNDICES



MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 1) Idade: _____ Ano (série) em que estuda: _____
- 2) O que motivou você retornar para a escola? Quanto tempo ficou sem estudar?
- 3) Acredita ser importante estudar para conquistar um lugar no mercado de trabalho?
- 4) Quais fatores você percebe que impedem os jovens de obter um lugar no mercado de trabalho?
- 5) Quais as dificuldades que você enfrenta ou enfrentou na hora de ser selecionado para uma vaga no mercado de trabalho?



Crédito dos desenhos:

Capa: José Marcelino – 35 anos – 3º ano

Contra capa: Mariana – 29 anos – 2º ano

Pesquisadora:

Adriana Rocha Furtunato do Espírito Santo

GUIA DE ORIENTAÇÕES PARA A INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO



Introdução

A busca pelo primeiro emprego afeta não somente os jovens e adultos como todas as pessoas que necessitam estar no mercado de trabalho para ter renda mensal que facilite sua sobrevivência.

Paulo Freire defendia que o objetivo da escola é ensinar o aluno a ler o mundo para poder transformá-lo. Por este motivo é que o professor deve ser motivador e incentivador do aluno da EJA. O desejo misturado a frustração de no passado não ter conseguido ir em frente pode fazer com que ele desista de novo da escolarização.

Escolarização que irá resgatar as competências e habilidades antes camufladas pela falta de oportunidade para se escolarizar, e dessa forma conseguir a chance de ser colocado no mercado de trabalho.

Ao se falar em trabalho, busca-se compreender a situação financeira do país, mas também trazer a esperança para o jovem que deseja trabalhar e ter o seu salário digno para uma sobrevivência melhor.

Competências técnicas e comportamentais

O que seria adquirir competências técnicas e comportamentais?

O mercado de trabalho atual exige muito mais que saber fazer, hoje é preciso saber conviver, ter boas relações inter e intrapessoais, ser proativo, feliz com o que faz.

Competências técnicas são adquiridas com o nível superior, treinamentos, palestras, livros, entre outras fontes de conhecimento. É o que aprendemos para nos tornar especialistas em determinados ofícios, buscando otimizar as ações, tornando-as bem-sucedidas.

As competências comportamentais referem-se as atitudes e hábitos dos profissionais dentro e fora das empresas. Elas contribuem de forma significativa para que este profissional tenha um desempenho cada vez melhor na execução das suas ações diárias.

Para que as competências comportamentais sejam desenvolvidas é necessário trabalhar o autoconhecimento, para que possa conhecer suas próprias habilidades,

capacidades e potencialidades, que irão auxiliar no dia a dia do trabalho.

Existem características profissionais que são valorizadas no mercado de trabalho independente da atuação do indivíduo. São elas: liderança, automotivação, trabalho em equipe, criatividade, comunicação efetiva, capacidade de negociação, adaptabilidade, busca por conhecimento, bom humor e relacionamento interpessoal.

Para se alcançar as competências comportamentais é preciso aprimorar conhecimentos, participar de palestras, ler bons livros, desenvolver suas habilidades de se relacionar com o outro de forma harmoniosa.

Você está diante da oportunidade de conseguir uma vaga no mercado de trabalho, o que fazer antes da entrevista?



Como se preparar para uma entrevista de emprego:

- De véspera:

- Não ingerir bebida alcoólica;
- Não perder noite;
- Não comer alimentos que possam fazer mal ao organismo.



Mulheres: - roupas sóbrias, nada curto, decotado ou apertado, cores suaves;

- maquiagem leve e batom claro;
- acessórios leves e brincos pequenos;
- calçados de salto médio ou alto. Nada extravagante;

- cabelos arrumados.

Homens:

- calça comprida
- camisa de manga longa ou curta;



- sapato ou tênis;
- cabelos cortados e barba feita.

No dia da entrevista:

- Não fumar;
- Tomar banho;
- Usar perfume suave e pouco;
- Vestir-se bem;
- Ir bem asseado com dentes escovados;
- Chegar meia hora antes da hora marcada para a entrevista;
- Não mascar chicletes;
- Desligar o celular;
- Não mentir, ser autêntico (a);
- Ao chegar cumprimentar a todos com um aperto de mão firme. Evite pegar somente nos dedos;
- Não deve ficar pensando muito para dar respostas;
- Olhar direto nos olhos do entrevistador;



Ter uma oportunidade de emprego assinala a realização de sonhos e projetos da juventude que tem plano para o futuro e vive buscando a profissionalização para se adequar às exigências que o mercado de trabalho exige.



Dentre as profissões demos destaque para algumas.

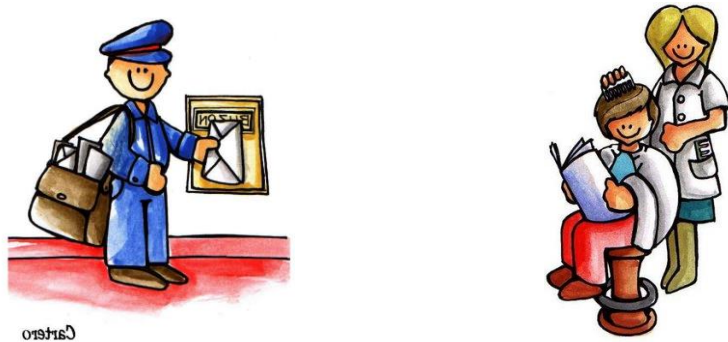
Lista de profissões	
- Telefonista;	- Cuidador de Idosos;
- Balconista;	- Telemarketing;
- Organizador de estoque;	- Açougueiro;
- Repositor;	- Cozinheira;

- Office boy;	- Doceira;
- Office girl;	- Frentista;
- Secretária;	- Lavador de carros;
- Atendente;	- Porteiro;
- Caixa;	- Segurança.
- Babá;	



Ao ingressar no mercado de trabalho, o jovem passa a possuir sua legitimidade perante a sociedade carregando em sua história os ensinamentos que absorveu ao longo dos anos na escola, que oferece grande impacto seja ele positivo

ou negativo para aqueles que tiveram a necessidade de abandonar seus estudos no momento da busca de um emprego, sendo cada vez mais necessário uma definição de ingresso no mercado de trabalho, considerando a estabilidade econômica e a eficácia do sistema escolar.



Com o intento de fortalecer as ações daqueles que buscam oportunidade no mercado, colocamos aqui depoimentos daqueles que já se encontram no mercado de trabalho (colocamos nomes fictícios para preservar identidade dos estudantes):

Sou balconista em um shopping. No dia da minha entrevista tremia muito. Fui de calça jeans, blusa comprida vermelha e de sapatos de salto baixo.

Pus pouca maquiagem e um batom vermelho. Quase perdi a oportunidade. Quando entrei na sala a moça olhou com uma cara estranha, mas foi conversando comigo, me deixando mais à vontade. Perguntou se eu era casada, se tinha filhos, onde morava, o que sabia fazer além do serviço doméstico e o que mais gostava de fazer.

Após quase uma hora de conversa, já estava bem à vontade, ela perguntou por que estava usando o batom vermelho, respondi que era para combinar com a blusa. Ela naturalmente me falou: “Se você não fosse tão simpática e comunicativa, nem te entrevistava. Não se apresenta em entrevista com roupa de cor chamativa e de batom vermelho”. Fiquei meio sem graça, mas fui contratada e estou lá a dois anos. Voltei a estudar para a melhorar de emprego.

Ana Maria – 3º ano

José Carlos é embalador numa rede de supermercado. Contou que teve que enfrentar uma fila gigantesca para entregar os documentos. Estava sem esperança de conseguir a vaga de tanto candidato. No dia que ligaram marcando a

entrevista não acreditou e achou que era trote, mas a moça insistiu e ele aceitou. Chegou na entrevista bem cedo, e ficou esperando novamente um tempo. Quando foi atendido suava muito, pelo calor e pelo nervosismo, mas a sala tinha ar condicionado. As perguntas foram tranquilas, mas perguntaram se era casado, se bebia, fumava e se tinha filhos. A empresa oferecia vale transporte, ticket refeição e plano de saúde. Foi embora após a entrevista, desanimado, pois não tinha qualificação, mas falou com o meu Senhor em suas orações, se fosse da vontade dele, ele iria conseguir.

Sou casado, com esposa e duas filhas pequenas para criar. O plano de saúde já era o suficiente. Mas Deus me honrou e hoje estou na empresa já faz 5 anos. E quero crescer cada dia mais. Não falto ao trabalho e faço tudo com muito capricho e atenção. Estou estudando para fazer um curso e melhorar.

José Carlos – 3º a

Paula é empregada doméstica. Já está nesta casa de família a 10 anos e de tanto a filha da patroa insistir ela voltou a estudar. Chegou na casa, solteira. Namorou, casou e teve

uma filha trabalhando na casa. Não se vê fazendo outra coisa que não seja para a família.

Ela lembrou com carinho no dia que chegou na casa. Todos a acolheram muito bem pois havia acabado de sair da roça, e deixado seus pais e irmãos para trás. Lá não tinha escola e como precisava ajudar a família saiu de casa para trabalhar. Não foi fácil! A saudade apertava o coração, mas insistiu, e nas férias a dona da casa, que era professora, deixava ela ir ver seus pais. Não perguntaram nada a ela quando chegou, nem do que gostava, só mostraram o quarto onde iria dormir que para ela era um luxo, afinal não tinha nem energia na casa de seus pais, e no quarto tinha banheiro e ventilador de teto, armário, uma cama, travesseiro e roupas limpas.

Hoje não sabe mais viver sem eles. Faz tudo na casa: lava, passa, cozinha, arruma e cuida da mãe da dona. Estudar está sendo difícil por causa do cansaço.

Paula – 2º ano

Considerações finais

Freire (2019, p. 25) defendia que “[...] Uma escola, um espaço educativo para jovens e adultos que pense os seres humanos como seres inconclusos”. Os saberes e as experiências são pontos de extrema importância para dar início a construção do conhecimento em diferentes ocasiões.

Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm (FREIRE, 2019, p. 83-84).

Todo conhecimento depende das condições que são oferecidas para torná-lo possível de ser realizado, pois o conhecimento é uma produção contextualizada.

Por meio deste guia, queremos te oferecer um pouco do que aprendemos para dar segurança no momento em que for convidado para uma entrevista em um emprego que

porventura tenha te chamado para entrevista.



“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.” (Paulo Freire)

ANEXO



FACULDADE VALE DO CRICARÉ

MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

**ANEXO 8.
PARECER FINAL DO ORIENTADOR**

Em atendimento à Banca de Exame de Defesa da Dissertação intitulada:

AS DIFICULDADES PARA INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO – ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS DE ALUNOS DA EJA EM UMA ESCOLA DE PERIFERIA, defendida pela **ADRIANA ROCHA FURTUNATO DO ESPÍRITO SANTO**, declaro que já foram feitas às devidas revisões em atendimento a solicitação da Banca. Portanto, autorizo a impressão final da dissertação para posterior encadernação.

São Mateus, 16 de fevereiro de 2020.


Désirée Gonçalves Raggi